

ALEX BENJAMIM DE LIMA

EM TINTAS NEGRAS: cultura impressa e intelectualidade em
A Voz da Raça (1933 – 1937)

Assis
2011

ALEX BENJAMIM DE LIMA

**EM TINTAS NEGRAS: cultura impressa e intelectualidade em
A Voz da Raça (1933 – 1937)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de
Mestre em História (História e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Antonio Celso Ferreira

**Assis
2011**

L73e Lima, Alex Benjamim de
Em tintas negras: cultura impressa e intelectualidade em:
voz da raça – 1933-1937/ Alex Benjamim de Lima.—Assis,
2011.
96f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita filho”, Faculdade de Ciência e Letras de
Assis

1. A Voz da Raça 2. Palavra Impressa 3. Intelectualidade I.
Título. II. Autor.

Banca examinadora

Data: ____/____/____

À Shirley, Sayuri e Gabriel, com amor

Agradecimentos

Trabalho curioso esse do pesquisador, cuja solidão, assim como sua sombra, o acompanha e assombra nas sinuosas e incertas veredas da descoberta, ainda que embrenhado a inumeráveis braços e abraços, gestos e palavras, cujo afeto e companheirismo o impulsionam a prosseguir.

Se a sensação da solidão estivera latente durante o caminhar, a chegada, contudo não seria possível sem as muitas pessoas que a sua maneira, mesmo sem o saber, contribuíram decisivamente para isso, apesar das muitas ausências, carências e intempéries de toda ordem.

As experimentações do aprendiz de historiador das páginas vindouras não seriam possíveis sem a generosidade de Jorge Fernando; o incondicional amor de Marizete e Manoel; a solicitude e afeto de Luiz Antônio e Iracema Tyoko; o companheirismo de José Francisco, Márcia ABC, Vilma Galhego e Miriam Reiko, que fizeram o caminhar menos sofrido.

Ao professor Antonio Celso Ferreira, mais do que a orientação, há que se destacar a liberdade e a confiança nos rumos da pesquisa.

Às professoras Lucia Helena Oliveira Silva e Zélia Lopes da Silva que enriqueceram substancialmente os destinos da pesquisa quando do exame de qualificação.

À Clarice Ruhman, amiga solícita e irradiante a estimular a caminhada muito antes de se iniciarem os primeiros passos.

À querida Shirley, companheira há mais de década, veemente entusiasta, com quem construí uma família.

A Sayuri e Gabriel, pelo pai relapso, ausente e exausto, mas reconfortado com suas vidas.

Era mister romper o Estado toldado de brumas, rasgar as espessuras, as densas argumentações e saberes, desdenhar os juízos altos, por decreto e por lei, e, enfim, surgir...

Era mister rir com serenidade e afinal com tédio dessa celulazinha bitolar que irrompe por toda parte, salta, fecunda, alastra, explode, transborda e se propaga.

Era mister respirar a grandes haustos na Natureza, desafogar o peito das opressões ambientes, agitar desassombadamente a cabeça diante da liberdade absoluta e profunda do infinito.

Era mister que me deixassem ao menos ser livre no Silêncio e na Solidão. Que não me negassem a necessidade fatal, imperiosa, ingênita de sacudir com liberdade e com volúpia os nervos e desprender com largueza e com audácia o meu verbo soluçante, na força impetuosa e indomável da Vontade.

O Emparedado – Cruz e Sousa

Resumo

Para além da tríade prensa, papel e tinta, o jornal “A Voz da Raça” se constituirá em bastião simbólico no universo da cultura letrada e da experiência política e cultural dos afro-descendentes no decênio de 1930. Dimensionar as lides da palavra impressa do grupo em questão é, em linhas gerais, o escopo deste trabalho.

Palavras-chave: A Voz da Raça – palavra impressa - intelectualidade

Abstract

Further beyond the paper, ink, and printing triad, São Paulo City the “A Voz da Raça” press has established itself as a symbolic landmark in the universe of both the literate culture and the political and cultural experience of afro-descendants in the 1930 decade. Verifying some dimensions of that group's printed word battle is the overall scope of this work.

Keywords: “A Voz da Raça” press – printed word – intellectuality

Sumário

Introdução [12]

I - O negro em plagas bandeirantes: encontros e desencontros [29]

I.1. Desencontros [29]

I.2. Encontros [34]

II - Aríete de ébano: culturas impressas em tintas negras [51]

II.1. Palavras em papel e tinta [51]

II.2. Em tintas negras: A Voz da Raça [59]

III – Artífices das palavras, construtores de mundo: a intelectualidade negra [77]

Considerações finais [89]

Bibliografia [91]

Fontes [94]

Listagem de imagens e tabelas

Imagem – 1: O Clarim da Alvorada [19]

Imagem – 2: Chibata [20]

Imagem – 3: Capa da primeira edição AVR [23]

Imagem – 4: Encontro do secretário-geral da FNB, Isaltino B. Veiga dos Santos, com o presidente Getúlio Vargas [27]

Imagem – 5: Anúncio de festival [39]

Imagem – 6: Anúncio de festival organizado pelas Rosas Negras [40]

Imagem – 7: Os aliados de Momo [46]

Imagem – 8: Mudança de cabeçalho de *A Voz da Raça* [61]

Imagem – 9: Guaramidina, remédio de confiança [69]

Tabela – 1: Distribuição cronológica da imprensa negra paulistana entre 1907 e 1937 [57]

Tabela – 2: Periódicos negros paulistanos [59]

Tabela – 3: Caracterização da imprensa negra paulistana [77]

Tabela – 4: Autores de AVR [80]

Lista de abreviaturas

AVR: A Voz da Raça

CEDIC: Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”

FNB: Frente Negra Brasileira

PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

introdução

Dos mais emblemáticos fragmentos da presença afro-descendente do pós-abolição aos primeiros decênios do século XX no Brasil, a *imprensa negra*¹ constitui *corpus* documental de inegável densidade histórica, cuja multiplicidade de personagens, vozes, testemunhos, sonhos e projetos apreendidos em papel e tinta, parecem revelar significados para além de sua materialidade textual. Fruto de esforços individuais e/ou coletivos, de personagens há muito preteridos no concerto de uma pretensa “brasilidade”, esses periódicos se constituíram em amplificadores de *verbos* inauditos, muitas vezes dissonantes do diapasão imagético das camadas sociais dominantes.

Pautados seja na publicação de um certo cotidiano, seja no caráter denunciador dos cerceamentos impostos ao negro, ou mesmo, na proposição político-reivindicatória, essas folhas estão longe de se constituírem em um bloco documental monolítico, uma vez que o nuançar de projetos e representações, endogenamente construídos sob embates e debates, aparecem de maneira perene ao longo dos mais diversos textos, jornais e contextos históricos.

Ana Paula Guimarães Pinto (2006), perscrutando o oitocentos descortinara a existência já em 1833 desses impressos em cidades como Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e São Paulo, em um contexto marcado ainda pelo despertar da imprensa no Brasil, cujas dificuldades perpassavam desde as de ordem técnica e material às de caráter social, uma vez que a cultura letrada era de domínio de poucos privilegiados.

Data de 1889², ainda sob os desdobramentos da Lei Áurea, o surgimento de *A Pátria* na urbe paulistana, precursor paulistano entre os jornais negros. De autoria do tipógrafo abolicionista Inácio Araújo Lima, de tiragem modesta e de poucos recursos materiais, não tardaria a sucumbir às múltiplas carências. Situação que se repetiria a variadas folhas e momentos, corroborando com fragilização documental, rarefeita na atualidade a algumas hemerotecas.

¹ Conforme ponto pacífico nos escritos sobre o tema, tratar-se-á por imprensa negra, o conjunto de periódicos redigido e direcionado aos afro-descendentes entre o último decênio do dezenove e a primeira metade do século XX, presente em várias cidades brasileiras. Cf.: BASTIDE, 1951; FERRARA, 1986.

² Alguns autores indicam como sendo de 1890 a edição de “A Pátria”, contudo, em pesquisa recente, Petrônio Domingues (2008, p.33), ao tecer considerações sobre a imprensa negra, traz a lume sua primeira edição como sendo de 1889.

Em parte, essa precariedade documental se justifica pelas próprias características desses impressos, geralmente de construção artesanal, sob responsabilidade individual ou mesmo de pequenos grupos, não obedecera à lógica mercantil e racionalizadora dos grandes empreendimentos periódicos nacionais em fase de consolidação nas primeiras décadas do século XX, o que ocasionou o fracionamento e mesmo a extinção de muitos jornais negros – edições apenas ou mesmo coleções inteiras – dada a existência efêmera, às vezes de apenas um número. Tanto assim que muito do acervo documental existente deve-se aos esforços individuais de ex-militantes e seus familiares na guarda desses jornais, posteriormente localizados, sistematizados, microfilmados e disponibilizados em alguns centros de documentação³ a partir da década de 1980.

Talvez, tamanha vulnerabilidade documental tenha corroborado para a ausência desse tipo de periodismo em muitas pesquisas que se deteram sobre a história da imprensa e do periodismo no país, a se verificar, por exemplo, em *História da Imprensa no Brasil* de Nelson Werneck Sodré (1966) e *História da imprensa em São Paulo* de Paulo Duarte (1972), ao não se constatar uma única referência a respeito da existência desses jornais nos primeiros decênios do século XX. Ainda assim, mesmo pesquisas mais recentes, apesar de não se esquivarem da existência desse tipo de impresso, o fizeram sob uma perspectiva bastante horizontalizada, a atestar seu *status* acessório frente aos outros empreendimentos periódicos, e por isso, propensas a não se aterem ao seu dinamismo social, político e cultural (CRUZ, 2000; MARTINS, 2008; COHEN, 2008).

A esse respeito, tendo-a enquanto objeto de pesquisa privilegiado, Roger Bastide (1951) foi precursor na análise da imprensa negra paulista. Sob as lentes da sociologia, destacou a sua importância catalisadora entre os negros, uma vez que segundo ele “esses jornais” procuraram, “primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso de solidariedade, encaminha-los, educa-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros” (BASTIDE, 1951, p.51).

Contudo, ao se ater de maneira mais verticalizada sobre a historiografia brasileira, verificou-se durante certo período a primazia na investigação do negro dentro da órbita do escravismo. Africano ou nacional, escravo de ganho ou de oito, urbano ou rural, fugitivo,

³ As edições da imprensa negra a que se teve acesso, digitalizados a partir de microfilmes, pertencem ao acervo do CEDIC - PUC-SP

alforriado ou nascido livre, os escritos históricos, sob itinerários teórico-metodológicos dos mais variados matizes, descortinaram uma ampla e complexa rede de relação e interação sociais, políticas, econômicas e culturais a orquestrar as múltiplas dimensões históricas da colônia e do império. Ainda assim, o mesmo não se poderia dizer do período pós-emancipatório, à medida que destinos e trajetórias desses mesmos sujeitos históricos, então sob a aura de “cidadãos” no emergir da república, se dissolveriam em meio às investigações cujos eixos centrais pautaram-se no movimento operário, em partidos políticos, na imigração, nas ideologias, nas oligarquias, etc.

A esse respeito, asseverando sobre o cenário historiográfico brasileiro no tocante à invisibilidade do negro nas narrativas da história do pós-abolição, Flávio dos Santos Gomes (2005) coloca em relevo a importância do conjunto documental da imprensa negra, uma vez que esse tipo de impresso,

[...] nos ajuda a escapar de armadilhas cuidadosamente preservadas por determinada parcela da historiografia brasileira: a suposta ausência ou silêncio das fontes e a inexistência de documentos escritos sobre a população negra no Brasil pós-abolição. Ajuda, sobretudo, a entender como um segmento da população negra brasileira percebeu, concebeu, projetou, construiu e, em outros momentos, iniciou a desconstrução de sua própria imagem e presença na sociedade (p.34).

Sob essas lentes, os jornais negros possuem uma densidade histórica inexorável, dada sua própria natureza documental e simbólica. Mais do que meros veículos informativos do meio negro esses periódicos materializaram percepções e leituras de parcela da população negra sob itinerários semânticos providos de lógica e coerência próprias: imagens e representações criadas por si, de si e sobre a realidade histórica da qual fazia parte.

Esse jogo de representações estivera longe de se constituir apenas em atualizações de imagens e sentidos, uma vez que orquestradas pelos seus interesses específicos, seus construtores não se esquivaram em entranhar-se num campo de litígio, de representações a seu respeito há muito cristalizadas, uma vez que desde os idos coloniais, as representações cunhadas sobre o *negro* vieram filtradas pelo olhar do *outro* – “branco” – ora de modo fragmentário em itinerários literários, ora sob o perscrutar da pena ou tela de viajantes estrangeiros, embasbacados com o “exótico”, ou ainda, já na segunda metade do oitocentos, vociferadamente imbuídas aos debates entorno do escravismo e suas desabonadoras consequências – raciais e sociais - para o futuro da nação.

Por outro lado, do pós-abolição às primeiras décadas do século XX em São Paulo, as tintas dos grandes empreendimentos jornalísticos da época, então em processo de modernização mercantil, também não reservariam imagens menos depreciativas, uma vez que sob novas roupagens o negro de modo geral apareceria nesses periódicos sob as vestes do sensacionalismo, personificados como “ladrões”, “assassinos”, “libidinosos”, “lascivos”, “desordeiros”, “prostitutas”, “bêbados” e “vagabundos”, elementos que atestariam sua total incompatibilidade social para as demandas e desafios dos novos tempos, impostos pelo mister da república e da civilização sob a batuta da modernidade.

Por seu turno, a incursão do negro no universo letrado via imprensa negra, coloca em evidência uma outra cartografia de mundo, cunhada à revelia dessas imagens há muito cristalizadas no imaginário coletivo no qual imperava ora a invisibilidade, ora a desqualificação social e cultural do negro. Além disso, há um valor simbólico que transcende sua materialidade textual, qual seja, a distinção social proporcionada por sua incursão no universo letrado, seara há muito cerrada a amplas camadas da sociedade brasileira.

Mais do que meros veículos informativos, a imprensa negra atestaria uma outra condição moral – vide os valores defendidos e apregoados em seus textos – e também cultural, dado seu trânsito pelo universo das letras impressas, hermético a amplas parcelas da população e ícone das várias transformações em curso (CRUZ, 2000; MARTINS, 2008).

No entanto, os escritos históricos que se detiveram sobre a imprensa negra, de modo geral, tenderam a primar pelo seu caráter informativo e arregimentador dentro da comunidade negra, não articulando-a a possíveis outros significados, instrumento de legitimação política, social e de capitalização cultural.

Entre o último decênio do século XIX e 1937, contabiliza-se a existência de vinte e quatro jornais negros na cidade de São Paulo. Número extremamente significativo se levarmos em conta as especificidades históricas, sociais e culturais da sociedade brasileira naquele contexto e, ainda, do grupo envolvido na construção desses impressos. Sob condições bastante sensíveis, esses impressos tiveram como características a periodicidade inconstante, a precariedade técnica e material, o que acarretou muitas vezes as tiragens modestas e existência efêmera. Talvez essas características tenham contribuído para um tipo de abordagem analítica a privilegiar a análise em bloco dessas folhas, primando pelas convergências e características gerais.

As análises de Ferrara (1986) são bastante significativas nesse sentido. Embasada em Bastide (1951), perquirira a imprensa negra paulista procurando estabelecer-lhe em fases de desenvolvimento a partir de seu tom político-reivindicatório. Sob tal itinerário estabeleceu, para a primeira metade do século XX, duas fases distintas: a primeira de 1915 a 1923 e a segunda de 1924 a 1937. A primeira teria como característica distintiva o mote do cotidiano de parcela da comunidade negra e de suas associações, ao dar visibilidade a casamentos, festas religiosas, quermesses, aniversários e “principalmente mexericos” (FERRARA, 1986, p.51). O “amadurecimento” político-reivindicatório seria a principal característica da segunda, quando se observaria a emergência do tom de denúncia ao preconceito racial e ao cerceamento social e econômico do negro como principais emblemas dessa fase.

O grande problema desse recorte analítico está em atribuir homogeneidades a jornais com caracteres físicos, enfoques, objetivos, interesses, grupos responsáveis e escritores extremamente diversos. Tal interpretação incorre em transformar a imprensa negra num bloco monolítico e de desenvolvimento linear: das banalidades cotidianas e “mexericos” dos primeiros tempos, ao “amadurecimento” político reivindicatório da segunda fase. Em parte essas conclusões podem ser atribuídas ao próprio itinerário metodológico percorrido por Ferrara, uma vez que dada a fragmentação espacial e a grande quantidade de folhas, estabeleceu para os jornais de maior regularidade a análise por amostragem: nos títulos com até 10 exemplares selecionou-se duas edições, nos títulos com mais de 10 exemplares, analisou do primeiro ao último com intervalos de 5 números (p.30).

À luz dessa abordagem, práticas culturais, fissuras, refregas e disputas entre seus diversos grupos e representações, ficariam subterradas sob a pecha da ingenuidade política, além do silenciamento perante o significado e valoração atribuídos às letras impressas, prática atestatória de esmero cultural e social perante os demais grupos e a sociedade de modo geral.

Além disso, parte dos primeiros periódicos da imprensa negra era oriunda das associações culturais e de lazer do meio negro, e em suas páginas era comum o exercício de dar visibilidade ao seu cotidiano e de seus grupos frequentadores, além de normas, valores e comportamentos distintivos e benquistos perante a sociedade. Quanto aos títulos, algumas entidades estendiam seus nomes às suas folhas, outras optaram por nomes distintos.

Quando se compara essas folhas à substancial imprensa operária paulistana daquele período, a similaridade mais visível contempla o perene exercício de por em relevo as suas

causas, anseios e grupos específicos, porém sob cenários e conteúdos diametralmente opostos. Enquanto a imprensa operária no geral fora um canal de debate e divulgação dos anseios, mazelas e projetos do cotidiano operário sob o verniz da politização ideológica, principalmente de vertente anarquista, seu foco estivera na órbita do mundo do trabalho, a contrastar com a publicização do cotidiano negro das associações e clubes, cuja mobilização se dava sob a guarida do lazer e da festa, que proporcionava forma e conteúdo às suas manifestações de luta e existência.

Contudo a imprensa negra não ficaria imune à ebulição política e social de fins dos anos 1920, à medida que ganhava corpo com um novo tipo de discurso e mobilização via seus impressos, a constar e dar vazão a reivindicações e anseios políticos mais veementes. Essas transformações estiveram diretamente relacionadas à severa crise e instabilidade política hodierna, a deixar em ebulição variadas camadas sociais. Essa ambiência de litígio corroboraria no surgimento de novas organizações negras, de roupagens menos festivas, a vociferar em tons explicitamente combativos, pleiteando espaço e voz no campo político-social.

Nesse sentido, a *Frente Negra Brasileira* é apontada pela historiografia como dos principais exemplos daquele contexto, ao reunir e intervir salientemente no meio negro. Tal prestígio a constituiu em um dos principais canais de diálogo e reivindicação política, a transpor e a ser ouvida em outras plagas político-sociais no contexto pós-1930. Sua origem está diretamente relacionada ao longo processo de militância e reivindicação, de lideranças negras dispersos em variadas associações, jornais e agremiações. Assim, a criação da FNB em 1931, procurou concatenar sob um mesmo teto político-institucional, diversas lideranças e figuras de relevo da comunidade negra paulistana, com o mister de se constituir no principal, e de certo modo o único, bastião político, social e cultural da população negra.

Sem dispor de uma folha própria entre 1931 e 1931, o jornal *O Clarim da Alvorada* foi utilizado pela *Frente Negra Brasileira* como canal de comunicação de extrema relevância, com a função de veicular e dar visibilidade a seus encaminhamentos institucionais, políticos e culturais. Relação umbilical justificada pelo protagonismo dos responsáveis pelo periódico na fundação da FNB em 1931, caracterizado pela concatenação de variadas forças e lideranças do meio negro em prol da construção de uma instituição capaz de fazer frente aos inúmeros desafios e anseios, imbuídos às transformações impostas em 1930 com a ascensão de Getúlio Vargas.



Imagem 1 - *O Clarim da Alvorada*, ano. VIII, n.38, p. 4, 20/12/1931

A ambiência política dos anos trinta, o afã de impor um novo protagonismo naquele contexto, conjugados ao aumento de envergadura da *Frente Negra Brasileira*, aflorariam aguerridas disputas sobre os encaminhamentos políticos da agremiação entre suas principais lideranças. Tais pretensões desaguaram num litigioso movimento, sob disputas e lutas, a cristalizar o antagonismo político-ideológico dentro da FNB, a ponto de se iniciar ainda no calor da consolidação de seus estatutos um movimento de dissidência entre destacadas personalidades do meio negro. Em síntese, as disputas colocaram em pólos distintos os grupos liderados por Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite.

Com um perfil menos centralizador e em diálogo com movimentos ideológicos mais à esquerda, José Correia Leite, principal editor d'*O Clarim da Alvorada*, não se conformara com

os destinos tomados pela FNB, cuja centralização política de forte verniz autoritário e de visíveis contornos nacionalistas, delineados pelo grupo de Arlindo Veiga dos Santos que se tornaria seu primeiro presidente, o fizera romper e se opor peremptoriamente às idéias e deliberações dos líderes frentenegrinos.

Segundo José Correia Leite, no dia da aprovação do estatuto da FNB, o grupo do O Clarim da Alvorada havia sido impedido de acompanhar votar e acompanhar as discussões

Quando nós chegamos ao Palacete Santa Helena, fomos barrados. Não deixaram a gente entrar e os estatutos foram aprovados. Eu era membro do conselho e mesmo assim não me deixaram entrar, porque sabiam que eu ia denunciar aquela coisa do Arlindo Veiga dos Santos estar usando a Frente Negra pra veicular as idéias monarquistas do patrianovismo dele. Eu fui consignado para participar do Conselho da Frente Negra antes da aprovação dos estatutos. De modo que quando houve a assembléia para a aprovação, aí que iam formar legalmente o conselho, que já tinha sido escolhido antes. Quando aprovaram os estatutos, com apenas dez artigos, comecei a pensar na minha demissão (LEITE, 1992, p.94).

A tensão entre os grupos de *O Clarim da Alvorada* e da *Frente Negra Brasileira* chegou a tal nível de litígio que José Correia Leite cria *Chibata*, jornal que veicularia uma série de acusações e denúncias contra os dirigentes da FNB. Suas tintas carregariam um humor sarcástico e ácido, cujas denúncias desabonavam fortemente a imagem de honradez e retidão de Arlindo Veiga dos Santos, então presidente da FNB, e de seu irmão Isaltino, secretário de primeira ordem.

Houve um convite da cidade de São Sebastião do Paraíso para a abertura de uma sucursal d Frente Negra Brasileira. Foi o Isaltino, o Vicente Ferreira e outro cidadão que eu não me lembro o nome. Mas não passou muito tempo, veio um ofício de lá contando que Isaltino tinha se engraçado com uma moça de uma das mais importantes famílias da cidade, começando um namoro, e prometido mundo e fundos. Mas acabaram descobrindo que o Isaltino era um sujeito casado que não podia fazer nada daquilo. E a moça estava certa de que arranjado um noivo. Aí o pessoal da cidade queria que o Isaltino fosse punido. Então naquele ofício, que eles enviaram para nós, dizia que tinham escrito várias vezes para a Frente Negra sem obter resposta, e por isso estavam apelando para o Clarim d'Alvorada (idem, p.99).

O desdobramento desses episódios cindiu definitivamente as possibilidades de relação entre os grupos de O Clarim da Alvorada e a Frente Negra Brasileira. A questão da moral é um

ponto extremamente valorizado e observado entre as lideranças negras e suas condutas deveriam servir de exemplo aos demais membros da comunidade negra.

H. CUNHA

O Nosso Artigo
Sem Fundo

Homem NEGRO

Ha alguns milênios quando se abriu o primeiro botecoim, na era em que despótava as primeiras claudes das mentes civilizadas; teve um cachaca a feliz ideia de colocar na porta desse tolerante botecoim um homem, conheço-te a ti mesmo.

Essa legenda ficou atravez dos seculos servindo de lição para todos os individuos fracos de ideia. Assim, caros leitores, relembra a frase veinal de um famoso foador de platão de varacu, pelo vício deixamos de citar, diante de tanta familia presente, pedimos venia para apresentar o primeiro numero do nosso pasquim — CHIBATA, que promove pela esculhambuca concertar os desatinados erros dos constructores da nossa negrejinha.

Este pasquim sae a lume, sem temor o estouro da bolada, e nem os arrogantes do valente e manhoso constructores da obra que vai salvar a patria nova, mesmo que... que tristeza...

ADIVINHAÇÃO

Um homem casado que namora uma moça solteira, o que é?

D. João conquistador etc. E apenas Levandando invento.

Nós da mocidade negra Não queremos separação A bem da nossa moral Exigimos punição

Sabe o Fronte secretario Exigimos sem cessar Proclamamos guerra santa Que possamos respeitar.

CHIBATA

O Perdão da Santa

Sem numero São Paulo, Fevereiro de 1932 Sem anno

CHIBATA

Nós somos Judas da raça, quem serão os Christos?

Editor: Quando este jornal circula, Gerente: F. Xicocosta
Homem negro sente-se cheio de difunto...

Judas da Raça!..

Ha homens que se aniquilam e perdem o controle do bom senso, quando algum lhes atria uma pedra com intuito de dimitul-...

Na luta em que nos empenhamos, temos recebido de muitas mãos desleiantes e que sempre sazem com a photographia moral e intelectual do duatario gratuito...

Portanto, descrendo as portas do amago das grandes pedras christãs que possuímos em alta doze, aceitamos e fazemos questão d'ora avante, dentro do trabalho que vimos realizando sem blasouice, em sermos os 'judas da raça'.

Porem, como os direitos se repartem por equidade humana, queremos que os Srs. Conscieiros da F. N. K. declarassem quer, nesse caso seja Christo, mesmo porque, os que assim nos taxam, hão de de permitir em serem os 'phariseus' conscientes, para que o conceito biblico não fique mutilado de mais não tão ignorante e rasteira.

GRANDE FURO

A nossa reportagem, consegue realizar o maior furo de imprensa de todos os tempos!.. (?)

Sensacionaes declarações do nosso reporter Zé Candoca

Eu accuso, nem que o arranha céu do Martineil cala sobre a minha cabeça—eu accuso...

Pronunciando essas frases balzquianas, conseguimos colher as ultimas palavras do nosso colega que dizia: São Sebastião do Paratzo, é verdade: que eu seja 'Judas' da raça, é infamia dessa gente... Eu morro com a verdade, cumprindo o meu dever, jurado em plenário, porque o individuo de má caladara, cynico e hyperita, precisa viver, cultado, veja o que resta do teu machucellismo com os teus amigos sinceros... Que triste figura farás, diante da tua... Eu morro, sou da frente amigo, para que eu possa vêr, não a patria velha implantada, mas minha raça moralidade e materialmente, plantada em novas conquistas, sac os frentes, si é verdade que sou bis avô... E as palavras embargaram na garganta do nosso grande reporter de imprensa, morto em serviço de seu pasquim.

No recibo d'uma victoria humilhante em que ficou a personalidade nula do secretario geral da Frente Negra Brasileira, figura a imagem d'uma Santa que soffocando a vergonha soffria, no seio da familia negra de S. Sebastião do Paratzo, gritou mesmo no sengano, deixar impune o ardor de sua tranquillidade. Mais uma vez, podemos exultar, a qualidade, particular da Mulher Negra, e ha que no turbilhão de todas injustiças praticadas no Brasil, se salvou pelo perdão dentro da historia americana e brasileira. Deixei, sabemos a valer o stoicismo e consideramos cada uma que tão bem symboliza a Mulher padroa das virtudes em todas as idades.

E o grande conselho, composto em sua maioria de homens pães, esposos, irmãos e filhos concorda em que se abandone ao venalido dos individuos immoraes, todos os lares honestos da raça.

Pobre levandado juvenil...

Patriavélha...

"Canção d'outras encarnações,
"Disse um dia o secretario:
"Meu rapaz vá na gandala,
"Vá sem calça, vá de sola;
"Sinta as emoções de lá,
Tinico

Fuacnar D. Juan e outras figuras dos nossos tempos, deve mesmo ser de preocupação do irmão do irmão patriavélha. Nos melhores dias "deses Brasas" repousam nas velhas terras da Patria que então tinha pastos á "almoria" negra em pleno paganismo americano e restringido nas sensações.

Mas, "nois" que philosophamos, uois que confessamos, nois que têm a patria na vitela" devemos tirar a "patria" da raça porque negro nasceu para viver tapado, deve ser o talphadoto porem deve saber resar tudinho direitinho sendo esse serve pra ficar na patriavélha...

CHIBATA

Este pasquim proseguirá na sua circulação, enquanto permanecer na frente.

Imagem 2: Chibata, 02/1932

Contudo, a contumaz reação frentegrina encurtaria a existência da folha opositora ainda em terceira edição, investindo agressivamente contra as singelas instalações gráficas do jornal acomodadas em um cômodo da residência de Correia Leite, danificando definitivamente equipamentos de impressão e mobílias, decretando a extinção tanto de *Chibata* como de *O Clarim da Alvorada*, em 1932.

Quando eles [FNB] começaram com certas provocações, nós deixamos claro que não íamos manchar o nome do jornal numa luta de bate-boca. Suspendemos as edições d'O Clarim d'Alvorada e fundamos um jornal com nome de "Chibata". E aí começamos a atacar frontalmente todos eles. Saiu o primeiro número da Chibata, saiu o segundo, quando ia sair o terceiro eles mandaram uns fanáticos empastelar o jornal. Mas o negócio não era bem empastelar, a intenção era dar uma surra na gente, porque eles vieram armados de paus. Mas acho que eles chegaram lá e não tiveram coragem (idem, p.100).

Outros jornais do meio negro manifestaram solidariedade ao jornal extinto. Leite chegou a prestar queixa contra os irmãos Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos, sob a acusação de serem os responsáveis pelo ocorrido. Intimidados, os irmãos, acompanhados de Guaraná Santana, advogado da FNB, negaram as informações e acusaram José Correia Leite de subversivo e comunista. O inquérito policial acabou sendo arquivado por falta de provas.

Pouco mais de um ano desse episódio, em março de 1933, seria lançado o jornal *A Voz da Raça* (AVR), periódico da *Frente Negra Brasileira* que perduraria de 1933 a 1937, quando da instauração Estado Novo por Getúlio Vargas.



Imagem 3: capa da primeira edição AVR 18/03/1933.

Um número significativo de pesquisas se deteve em AVR. Com o escopo investigativo sobre a *Frente Negra Brasileira*, o periódico serviu de fonte e inspiração a variadas interpretações sobre a instituição e sua atuação no meio negro. Apesar da diversidade de enfoques e objetivos, tais pesquisas se coadunam ao entende-la primordialmente como veículo de comunicação e propaganda ideológica da FNB, refletor de suas deliberações internas.

Quem é a “gente negra nacional”?, dissertação de mestrado de André de Oliveira (2006), percorre as edições da folha frentenegrina com enfoque em se perceber a dinâmica discursiva que dera forma e sentido a um tipo ideal de brasilidade negra. Em diálogo com os

variados matizes ideológicos do período, essa identidade estaria alicerçada no protagonismo negro, partícipe desde a primeira hora na construção da nação. Assim, se o passado referenda o negro a partir da história, o presente requeria a afirmação de certas condutas e compromissos a fim de assegurar e fortalecer a nação.

Laiana de Oliveira (2002), em *Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930*, articula o processo de formação da FNB às latentes discussões e disputas políticas da época. Para a autora, a cultura política daquele contexto impulsionou camadas da população negra a uma participação nas discussões e delineamentos político-ideológicos mais amplos.

Em pesquisa de doutoramento em Ciências Sociais, intitulada *A Voz da Raça: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco*, Maria Aparecida Pinto Silva (2003) constrói um amplo mosaico a partir do periódico fretenegrino, organizando questões e debates a respeito de condutas a serem observadas, valores a serem buscados e protegidos, memórias de um passado de saliente protagonismo negro nos eventos históricos, dentre outros, publicados em AVR.

Dentre as pesquisas sobre a FNB destaca-se *A insurgência de ébano. A história da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*, tese de doutoramento em História de Petrônio José Domingues (2005). Cruzando documentos oficiais, entrevistas de militantes negros, memórias e principalmente o jornal *A Voz da Raça*, Domingues estabelece as dinâmicas políticas e ideológicas que nortearam as ações da FNB, que a transformaram em um pólo de discussão, formação e diversão de grande importância.

As pesquisas citadas trouxeram à baila um emaranhado político e social dentro da comunidade negra paulistana de enorme relevo, a desnudar seus dilemas e protagonismos no bojo de uma sociedade em ebulição e litígio. Ainda assim, há que se pensar que sob a preponderância da homogeneidade e linearidade. Se por um lado essa incisão metodológica proporciona aferir as permanências diacrônicas ao longo dos variados textos e edições, por outro torna pouco perceptível a dinâmica interna do jornal, de como e quem o construía. Nuances esses que não refutam as interpretações correntes, mas oferecem uma outra dimensão à AVR, proscênio do protagonismo intelectual, a vociferar em nome da população negra e a ser ouvida em outras plagas político-sociais no contexto pós-1930.

Em seu texto inaugural fica claro esse propósito,

[A Voz da Raça] se destina a publicação de assuntos referentes ao negro ... na hora em que precisamos tornar pública, nos dias de hoje, de amanhã e de sempre, os interesses e comunhão de ideias da raça, porque as outras folhas, aliás veteranas, por despeitos políticos, tem deixado de os fazer; porém isso não tem importância: diz o ditado ‘a dor ensina a gemer!...’ e si não fosse a dor... este jornal não surgiria e nós continuaríamos marcando passo e sendo alvo de contínua atitude dos diários paulistas que na surdina, vão pondo no cesto os originais que no presente momento o seu assunto vise a moral e a união política do negro. O seu programa, na parte principal é desprezar as polêmicas em geral e trabalhar com afinco, denodo e coragem dentro da concórdia e da moral. (AVR, ano 1, n.1, 1933, p.1)

Apesar de breve, o texto dá a antever o grau de disputa dentro da imprensa negra, uma vez que a mensagem de superação moral do novo jornal frente às “outras folhas” negras já *corrompidas*, e de denúncia ao tolhimento às notícias de *progresso* do meio negro proferido pelos “diários paulistas” de grande circulação, atestam sua disposição em constituir-se em canal capital para união política e social do negro.

A necessidade da união foi uma questão amplamente defendidas em suas páginas, pois se constituiriam em condição primeira para uma plena ascensão e valorização do negro.

São Paulo, esta cidade gigante, cheia de luxuosas vivendas, belos jardins publicos, escolas, tudo enfim tão diverso, do São Paulo antigo, esta vasta terra tão fértil, e além de tudo magestosa.

No entanto, é mister passar por uma pequena reforma. E por onde iniciarmos esta reforma? Pelo povo, principalmente o de côr, que ainda apesar da liberto a bastante anos, continua sob a ação forte e daninha de um povo que se diz – mais civilizado, educado, e como a maior potencia neste grande torrão taxando ainda que a raça negra é impotente para se dirigir a algum fim idealizado, e mesmo de atrasados e sem compreensão.

E por que tudo isso? Porque [danificado...] o forte conjunto negro que lutára heroicamente pela sua liberdade, tombando valentemente vencido depois de fortíssima luta.

E nós precisamos fortalecer-nos um pouco mais que os valente Palmarinos. Um pouco mais, porque é preciso que formemos como êles para a luta de igualdade, potencialidade dentro do Brasil. Para conseguirmos o que idealizarmos, para igualarmo-nos em todos os pontos, precisamos ter uma casa, um abrigo, e está casa ja esta formada e é a Frente Negra Brasileira, que também possui um ótimos porta-vóz, que á “A Voz da Raça”, que devemos e precisamos concorrer para os seus engrandecimentos. Assim como a F.N.B., o jornal “A Voz da Raça”, e do negro, pra o negro e pelo negro (AVR, n.40, 1934, p.1).

Na mesma edição, em um entusiasmado texto a defesa da união não passaria incólume ao fazer referência às possíveis articulações da comunidade negra na cidade de Tietê.

Enche de entusiasmo a nossa sociedade, ao ver que a união entre nós, da raça negra, está se aproximando.

Cada um de nós devemos ficar orgulhosos de vermos nosso nome de preto, coberto de gloria dentro de um Brasil novo e cheio de progresso, porque a nossa cor de preto é toda cheia de orgulho para cada um de nós, porque na significação das cores, representa a nossa, acima de todas as cores do sentimento, e o sentimento está no coração da humanidade. Qual o coração que não guarda sentimento? É por isto que cada um de nós devemos lutar por esta causa sagrada afim de recuperar os nossos direitos e as nossas leis. Mas para isto depende de trabalho e esforço de cada um de nós; união entre nós frentenegrinos, para mais tarde com esta união termos forças necessarias, para defendermos nossos direitos.

Patrícios e irmãos de raça: alerta com aqueles grupos formados nas esquinas, aqueles que só tratam de nos desmoralisar e procuram por este meio dissolver a união que vimos tentando realizar. São estes que dizem que a nossa sociedade não vai adiante. São estes verdadeiros ladrões de nossos direitos ladrões de nossos direitos, homens sem sentimentos, fé e esperanças. Porque não procuram o caminho mais certo?

Entretanto para a nossa fileira, mostrando ser um brasileiro, procurando aumentar a união entre nós e elevar bem alto o nome de nossa raça negra.

Lembremos, irmãos, que na historia sagrada, disse o sonhar a seu povo. Ajudem uns aos outros. Trabalhem que eu os ajudarei. Por esta razão, devemos todos trabalhar para o nosso bem estar.

Mocidade, vamos trabalhar com afinco e entusiasmo; vamos sentir a dor pelos nossos antepassados, aqueles infelizes que não pudeream alcançar este Brasil novo e de liberdade; vamos seguir o regimen da lei, termos bom comportamento [ilegível] de podermos dar o valor que nossa classe de cor merece. Não abandone a sociedade, sejamos orgulhosos e elevemos aos mais alto possivel a nossa sociedade de frentenegrinos, para o orgulho de nosso Brasil e do povo brasileiro (p.2).

Em um contexto de profundas reconfigurações políticas e sociais, sob a órbita de novas forças no cenário nacional em curso a partir de 1930, AVR postou-se a se fazer ouvir para além da comunidade negra paulistana, a advogar em variadas esferas, do cultural ao político, do histórico ao econômico, um protagonismo de maior relevo e significância para o negro.

Emblemático, nesse sentido, o destaque na primeira edição do jornal à audiência de Getúlio Vargas com representantes frentenegrinos no Palácio Rio Negro em Petrópolis, pedagogicamente destacada pela publicação de fotografia de Isaltino Veiga dos Santos – um dos dirigentes da entidade e assíduo escritor do jornal - ao lado de Getúlio Vargas (Imagem – 4). Ombreados no mesmo plano, em pose de austeridade, sob a aura da formalidade conferida pelo

cenário do encontro, a imagem parece sinalizar para a equidade e coadunação de lideranças e interesses, além do atestado de prestígio e legitimidade da FNB para além do meio negro. Porém, possivelmente esse encontro ocorrera muito antes da data de sua publicação no jornal, haja vista que nesta edição não se faz referência a tal encontro, ao contrário a fotografia aparece destacada em meio a textos de conteúdos distintos.



Imagem – 4: Encontro do secretário-geral da FNB, Isaltino B. Veiga dos Santos, com o presidente Getúlio Vargas⁴ (AVR, ano I, n.1, 1933, p.3).

⁴ Legenda: Na fotografia acima vemos o Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório em companhia do Sr. Isaltino B. Veiga dos Santos, Secretário Geral da F.N.B., logo após a audiência especial concedida a Frente Negra Brasileira, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis.

Por outro lado, a imagem se impõe pelo seu caráter simbólico e pedagógico, à medida que confere e alimenta um discurso de legitimidade e conquistas conjugado à ânsia por maiores transformações para o negro, em contraste à sensação de abandono e alijamento latentes dos primeiros decênios da república.

Diagnósticos doídos, prognósticos temidos, anseios projetados, denúncias propaladas. Elementos cunhados e substancializados em papel e tinta, cujas escrituras ofereciam uma semântica que transpunha sua imediatez material, rompendo fronteiras sociais e geográficas. A laboriosidade e significado do periódico não se restringiram a seu papel informativo, mas, também ao caráter de distinção, esmero e sofisticação da palavra impressa, cujas folhas simbolizavam a sincronia ao diapasão da modernidade e da cultura letrada.

Se por um lado *A Voz da Raça* não inaugura a imprensa negra em São Paulo, por outro bebe da ampla experiência periódica desde fins do oitocentos no meio negro e impõe uma nova dinâmica discursiva, política e logística às escrituras negras, com experimentações incomuns pela ousadia e perenidade na imprensa negra até então.

Essas características possibilitaram que relevantes pesquisas fossem fomentadas a partir de *A Voz da Raça*.

Ao se percorrer suas 70 edições, de março de 1933 a novembro de 1937, outras características – materiais e discursivas - o distinguem no âmago da imprensa negra paulista, tais como o esmero em sua construção material e simbólica, a regularidade incomum, a existência de um sistema de assinaturas, a distribuição para outras cidades e estados, a impressão terceirizada, os diálogos e debates com outros jornais e intelectuais – externos à comunidade negra inclusive-, a constituição de um certo núcleo de escritores, a aceitação de textos externos a este núcleo, o espaço reservado a textos como poesias, passagens teatrais, memórias, além dos editoriais imbuídos aos embates político-ideológicos em curso na época, distribuídos em suas folhas de forma a obedecer e dar forma a diversos espaços de significação.

Tendo-a enquanto objeto privilegiado de pesquisa, *AVR* foi perquirida com o intuito de tornar sensíveis às lentes estrangeiras do presente suas diversas camadas semânticas dispersas em sua organização textual-argumentativa e material-visual, conjugando valores e sentidos materiais e imateriais. Ao se enveredar pelo universo de suas folhas, procurou-se dar visibilidade a passagens, notas, chamados ou mesmo artigos, retalhos de uma época alinhavados pela coerência semântica de sua época.

Deveras pretensiosa e porque não ingênua, seria ter como mote primeiro, a negação e/ou a superação das interpretações correntes sobre a imprensa negra, ou mesmo em específico, *A Voz da Raça*. Assim, ter-se-á como norte investigativo o perquirir sobre essa outra dimensão envolta na construção intelectual e material desse jornal, num momento em que a arquitetura política, social e cultural estava em processo de reconfiguração, dado o impacto dos acontecimentos de 1930. E frente a esse cenário, a intelectualidade envolta em *A Voz da Raça* não se esquivara de embrenhar-se nos embates, debates e projetos – endógenos inclusive – que lhes eram contemporâneos.

Nesse sentido, as linhas que se seguem obedecerão a três eixos que, articulados, procurarão dar conta a tais anseios. O primeiro, “O negro em plagas bandeirantes: encontros e desencontros”, versará sobre o contexto de adensamento e organização da população negra frente às múltiplas transformações decorrentes do desenvolvimento econômico paulista, e, ainda, a pontuar algumas experiências associativas da comunidade negra.

Por conseguinte, em “Aríete de ébano: culturas impressas em tintas negras”, aventar-se-á para a trajetória da cultura impressa em São Paulo, seu processo de popularização e emergência da imprensa negra, procurando particularizar a construção – material e semântica - de *A Voz da Raça* (1933-1937), atentando para o processo de sua constituição logística, estética e física.

Por fim, em “Artífices das palavras, construtores mundo: a intelectualidade negra”, buscou-se indícios biográficos dos escritores de *AVR*, problematizando as formas de adesão e ingresso, através do próprio jornal como também das memórias desses personagens compiladas nos últimos anos. Além disso, matizar a produção de seus textos dentro do próprio jornal, visando acompanhar possíveis transformações dessas ideias e imagens, os prováveis diálogos interno e externo ao círculo de *AVR* abarcarão os delineamentos interpretativos objetivados.

I - O negro em plagas bandeirantes: encontros e desencontros

I.1. Desencontros

O esvoaçar do novecentos na urbe paulistana viria acompanhado pelo distanciamento perene e cabal do passado colonial e do burgo dos estudantes. Sob a batuta da modernidade, cujo símbolo maiúsculo fora a cidade-fábrica, a tessitura urbana sofreria profundas transformações, a impor novos contornos e delineamentos estruturais e sensitivos, requerendo novas formas de sociabilidade e sobrevivência de seus habitantes e desbravadores.

A latência voraz desse cenário tivera como força motriz a combinação de diversos elementos aos desígnios da modernização civilizatória, cujos influxos do capital advindo da cultura cafeeira e de uma ampla massa adventícia a saciar o voraz apetite fabril por mão de obra branca, sincronizariam o país ao ritmo civilizacional que os novos tempos demandavam, em um contexto marcado pelo recrudescimento nacionalista sob a batuta beligerante.

Internamente, ideologias adventícias de variados matizes foram acomodadas aos projetos de nação em voga, alijando parcelas da população, cuja mácula condenatória estaria em sua tez não branca, sentenciadas a uma reiterada invisibilidade social, cultural e histórica. Intelectuais de toda ordem, políticos, médicos e cientistas, se debruçaram sobre os dilemas nacionais à luz de teorias que naturalizavam hierarquias sociais, raciais e culturais, aquilatadas cientificamente.

Deveras emblemáticas as palavras de Oliveira Viana no texto de apresentação do censo de 1920, intitulado *O Povo Brasileiro e sua Evolução* (1922, p. 341-342):

Os elementos inferiores que formam o nosso povo estão sendo, pois rapidamente reduzidos, a) pela situação estacionária da população negra; b) pelo aumento continuo dos affluxos arianos nestes últimos tempos; c) por um conjunto de selecções favoráveis, que asseguram, em nosso meio, ao homem de raça branca condições de vitalidade e fecundidade superiores aos homens de outras raças. Esse movimento de arianização, porém, não se limita apenas ao aumento do volume numérico da população branca pura; também as selecções ethnicas estão operando, no seio da própria massa mestiça, ao sul e ao norte, a redução do coeficiente dos sangues inferiores. Isto é, nos nossos grupos mestiços o quantum de sangue branco cresce cada vez mais, no sentido de um refinamento cada vez mais apurado da raça⁵.

⁵ In: **Recenseamento do Brazil realizado em 1 de setembro de 1920**. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatística. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Typographia da Estatística, 1922, p.340-341.

A linguagem direta, de rígidos esteios ideológicos, concisa nas explicações das etapas alcançadas e nas perspectivas vindouras, a prognosticar o aperfeiçoamento racial mediante a extinção dos “elementos inferiores”, chancelados pela oficialidade do documento estatal, tornam cristalinas as ações e encaminhamentos da política de branqueamento naquele contexto, cuja acomodação entorpecia paulatinamente o imaginário e o cotidiano coletivos.

Em São Paulo, esse cenário fora potencializado pelo influxo gigantesco de 2 milhões de imigrantes, entre o último decênio do oitocentos e 1930 no estado. Se nos primeiros momentos a vazão desse contingente demográfico para as fazendas de café fora uma constante, a urbe paulistana, contudo se tornaria um pólo gravitacional de primeira grandeza com a intensificação de seu florescimento urbano-fabril, a desencadear um processo de paulatino adensamento demográfico, espraiando a ubes para além de seus contornos geográficos, sociais e culturais originais.

Sob as forças centrípetas da cidade em desenvolvimento, caboclos, mestiços, brancos e negros, brasileiros e imigrantes coabitavam uma mesma arquitetura social, heterogênea e, sob muitos aspectos, conflitantes. Se o trabalho os unia sob o imperativo da sobrevivência, a concorrência, o desequilíbrio de oportunidades e inserção, somados à desproporção entre trabalhadores e empregos acirravam rivalidades e identidades.

Para a população negra essa situação se apresentava de modo ainda mais vivido, uma vez conjugados ao projeto de modernização branqueadora e à reiteração cotidiana do racismo, acabaria por obliterar em grande medida o acesso do negro a níveis mais consistentes de cidadania. Preterido no mercado de trabalho, estigmatizado por sua cor, cerceado em suas manifestações culturais⁶, o contingente negro muito tangencialmente adentrava o mundo do trabalho formal, ainda assim nos postos mais baixos.

Em “Preocupação de proteger estrangeiros”, artigo de Arlindo Veiga dos Santos publicado em *A Voz da Raça* (n.44, 1934, p.1) denota um pouco da percepção social de parte da comunidade negra perante essa situação em no início dos anos trinta:

Prolifera desastradamente no Brasil, especialmente nesta terra de São Paulo, uma doença grave: a mania de proteger exageradamente o estrangeiro.

⁶ A esse respeito, é bastante emblemática a repressão a práticas culturais de matriz afro em São Paulo, a exemplo do samba e, no plano religioso, da Umbanda e do Candomblé. Cf.: KOGURUMA, 2001; BRITTO, 1986.

Parece que, quando se levanta uma campanha de saneamento nacional contra “hóspedes” imorais, exploradores, ladrões, anarquistas, comunistas, logo a preocupação dos jornais [da grande imprensa] é defender os bandidos, os ladrões, os indesejáveis que enchem a nossa Terra, que tão feliz era quando não havia tanto explorador, tanto sem-vergonha, tantos desmoralizadores dos nossos costumes, tantos anarquizadores de nossa religião.[...]

Em São Paulo, há uma infinidade de negros desempregados: os lugares são ocupados por estrangeiros. Há patrões e chefes de obras estrangeiros que, sistematicamente, não contratam operários brasileiros, sobretudo se são operários negros.

A despeito disso, *A integração do negro na sociedade de classes*, de Florestan Fernandes (1965), desnuda de modo cabal e vigoroso a dinâmica e os limites do processo de sobrevivência da população negra em São Paulo à luz da modernização capitalista. Referência capital nos estudos acerca do negro no pós-1888, Fernandes se oporia à teoria da democracia racial, à medida que revelou em vivas cores os mais diversos mecanismos de tolhimento político, social e, sobretudo econômico do contingente negro, em muito fertilizada no Brasil com o lançamento de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre.

Para Fernandes, a escravidão teria deixado marcas indeléveis na população negra, impossibilitando sua total integração à ordem capitalista. Essas marcas seriam responsáveis pela sua inaptidão em organizar-se política e socialmente, o que configuraria seu estado de anomia perante o “mundo dos brancos”, pois as relações escravistas inabilitariam o negro a agir, sentir e reagir à nova realidade social, uma vez que

(...) a sociedade escravocrata só preparou o escravo e o liberto para os papéis econômicos e sociais que eram vitais para o seu equilíbrio interno. (...) o efeito de tudo isso, foi que o negro e o mulato emergiram do mundo servil sem formas sociais para ordenar socialmente sua vida para integrar-se, normalmente, na ordem social vigente (p.35)

Essa linha interpretativa marcou gerações de pesquisadores e deu forma ao que se notabilizou como “Escola Paulista”. Contudo, essas as lentes interpretativas corroborariam com uma certa noção de passividade e coadjuvância do negro perante seu próprio devir histórico.

Nesse sentido, Andrews em *Branços e negros em São Paulo* (1998), faz uma ampla discussão sobre as interpretações da “Escola Paulista”, refutando suas conclusões de anomia do negro e desconexão do contingente negro no pós-abolição. Para isso, matiza as experiências

sociais dos negros em São Paulo, realçando a assimetria existente entre brancos e negros no mercado de trabalho e, ainda assim, a se integrar, ainda que às fimbrias, no movimento de sedimentação econômica e social capitalistas, sob o império da flexibilidade e da adequação às batalhas pela sobrevivência.

Carlos José dos Santos, em *Nem tudo era italiano* (2003), ao analisar o cotidiano da população pobre nacional na cidade de São Paulo entre 1890 e 1915, privilegiando documentalmente fotografias, memórias, crônicas, periódicos e documentos oficiais, revelara uma São Paulo onde a presença negra se fazia sentir, ainda que a provocar reações de afastamento e reprovação. Sob a pecha de desclassificado social ou classe perigosa, lhe fora latente o tenaz cerceamento e exclusão.

[...] tachados como perniciosos e nocivos à ordem, vivendo em difíceis condições materiais, trabalhando ou não nos mais diversos serviços, esses sujeitos sociais não deixaram de experimentar e preservar alguns de seus costumes, comportamentos, crenças, tradições, nos locais onde encontravam espaço para sua sociabilidade: as ruas, as praças, os becos, as várzeas e os lugares mais distantes. Sinais de um modo de vida que se desejava excluir e destruir, mas que resistia reinventando, reocupando e se relacionando diariamente com a tentativa de reordenação dos espaços e construção de modelos de comportamento vinculados à europeização e branqueamento da urbe paulistana (p. 171).

Desde outrora, representações do negro imbuídas de um universo imagético extremamente depreciativo e estereotipado, no qual adjetivos como criminoso, vadio, ignorante, delinquente, violento, feiticeiro e degenerado ecoavam enquanto caracteres inerentes à personalidade negra. E elementos como o samba, a capoeira, as religiões afro, a *desorganização familiar* seriam “retratos da falta de estrutura moral, psíquica e social do negro” (SANTOS, 2006, p.131).

Há que se ressaltar que nas últimas décadas do século XIX, assiste-se à biologização da raça na Europa e seus prognósticos se espraiariam para além mar. Sob o eco de fabulações de teóricos como Comte, Buckle, Kidd, Gobineau e La Pouge, idéias como o positivismo e o evolucionismo social, não tardariam a aportar em solo brasileiro, a orquestrar mentes e projetos no mister da criação da nação sob os aportes da *civilização* (SCHWARCZ, 1993).

Nina Rodrigues, médico de destacado protagonismo político-intelectual ao analisar a realidade social brasileira o fez sob a lente científico-ideológica cunhada nos últimos decênios

do oitocentos. Em *Os africanos no Brasil*, ao discorrer sobre a presença africana asseverara que,

A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus defensores, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo (2008, p.24).

Perscrutando as representações do negro na cidade de São Paulo a partir da imprensa paulistana ('O Correio Paulistano', 'A Província de São Paulo' e 'A Redenção'), Lilia Swarcz (1987) desnuda uma confluência de imagens, personagens e representações a cotejar as diversas seções dos jornais, de modo a compor um mosaico representativo de sua condição negra e escrava: do negro fugitivo e violento das 'ocorrencias policiais' de 1875, ao degenerado de 1888 a 1900. Mesmo quando a aurora republicana emanava seus raios mais consistentes, proclamando a equidade social e a cidadania, "novas e velhas imagens sobre os negros delineavam-se, revelando basicamente a sua incapacidade de conviver com os 'avanços' que o novo momento político trazia consigo" (p.236).

Contudo, apesar da cristalização de um universo imagético extremamente avesso ao negro, vem de longa data sua mobilização e organização entorno de seus interesses individuais e coletivos. Dos mais emblemáticos exemplos de organização e resistência coletiva estão as irmandades religiosas, que sob o catolicismo oficial, seriam ressignificadas sob o diapasão da religiosidade afro, ganhando contornos e adereços a sacramentar elementos religiosos africanos sob o verniz do cristianismo católico.

A despeito disso, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo fora instituída no século XVIII, como forma de se destinar um local de crença católica ao contingente negro, longe das igrejas dos senhores brancos desde logo firmara-se enquanto um espaço de sociabilidade durante a escravidão e mesmo após sua derrocada⁷ (RIBEIRO, 2003). Contudo, o imperativo dos novos tempos, a requerer vultosos esforços na construção de uma outra civilidade urbana, na qual a presença negra seria uma mácula, não tardou-se em banir o contingente negro das áreas a serem modernizadas.

⁷ Nomes importantes da imprensa negra paulista foram membros assíduos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em São Paulo, a exemplo de Horácio da Cunha, João Eugênio da Costa, Justiniano Costa, Irineu Batista de Souza, Raul Joviano do Amaral e Arlindo Veiga dos Santos.

A Câmara Municipal da capital, achando de muita conveniência a abertura de um largo, entre a rua de São Bento e a do Rosário, resolveu, em sua sessão de 29 de fevereiro de 1872, presidida pelo tenente-coronel Bento José Alves Pereira, desapropriar para esse fim, os pequenos prédios e o terreno que servia de cemitério, contíguo à antiga Igreja do Rosário e pertencentes à irmandade da mesma santa, sendo que aqueles pequenos prédios térreos, que confinavam com o referido cemitério, eram habitados por casais de pretos africanos, os quais, depois que conseguiam libertar-se do cativoiro, se estabeleciam nos mesmos prédios em que residiam, com suas quitandas (SANT'ANNA *apud* QUINTÃO, 2002, p.13-4).

Sob esse espaço seria construída a partir de 1903, com a demolição total da Igreja do Rosário, a praça Antônio Prado, monumento a substanciar os novos anseios de modernidade e civilização, desprovida das nódoas arquitetônicas e sociais do passado colonial, personificados na presença negra. A antiga igreja teria como novo endereço o largo do Paissandu já nos idos de 1906, não sem protesto dos frequentadores do Rosário, pois à época, aquela região era das mais insalubres e socialmente marginalizadas da cidade (RIBEIRO, 2003, p.59-60).

I.2. Encontros

Em um cenário onde sua existência era tida e sentida como mácula e ameaça aos desígnios da nação, justificando e orquestrando práticas e representações desabonadoras de si, o *negro*, arquétipo distante do branco pela sua tez escura e ascendência africana, forjou novas formas de existência e socialização. Sob diversas roupagens e contextos, foi obrigado a reinventar-se, sob o imperativo da significação de sua existência enquanto homem e grupo social.

A despeito disso, desde o último decênio do oitocentos assiste-se a um crescente movimento de união e adensamento de parcelas da população negra na urbe paulistana, delineando-se na instituição de espaços de convívio e manifestações várias. No entanto, ao contrário de outrora, quando esses espaços emergiram sob a batuta da fé, o lazer seria o grande esteio a substanciar essas novas instituições.

Times de futebol, cordões carnavalescos, associações recreativas e jornais, criados, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, foram espaços privilegiados de sociabilidade

negra, expondo e compartilhando experiências que fortaleceriam a identidade e solidariedade de grupo, em cujo cerne estava o protagonismo negro. Contudo, disputando espaços na tessitura social marcada pela heterogeneidade étnica e cultural.

Exemplo disso, até fins da década de 1920 o futebol fora incisivamente marcado ora pela cisão de classe, ora pela da etnia. Elemento de distinção social, símbolo de refinamento e cosmopolitismo, nos primeiros tempos, sua prática entre as camadas sociais mais abonadas se dera em seus *clubs*, espaço privilegiado de sociabilidade das elites urbanas, a desfilarem seus adereços distintivos de sofisticação, legitimadores incontestes de sua aptidão para uma pretensa civilização. Por outro lado, dado a singeleza de suas regras e recursos materiais, sua prática não tardaria a ditar o lazer de amplas camadas da sociedade, ainda que sobre balizas seletivas bastante claras, como a étnica.

Em São Paulo, onde o contingente imigrante fora preponderante naquele período, muitas foram as agremiações desportivas que tiveram na etnia, notadamente imigrante, seu elemento aglutinador. No cerne desse cenário, de cerceamento desses espaços ao elemento nacional pobre, principalmente mulato e negro, surge em São Paulo, por exemplo, “times de várzea” que congregavam os desportistas nacionais pobres.

A esse respeito, em diferentes momentos a imprensa negra paulistana veiculava notícias acerca dos times compostos exclusivamente por jogadores negros, a exemplo do Sul Africano, Cravos Vermelhos Club e São Geraldo. Mais do que a sociabilidade estivera em jogo a auto-afirmação e valorização de sua comunidade, em um processo de construção identitária pautada em suas conquistas e façanhas.

Em edição de 1933, *A Voz da Raça* (n.2, 1933, p.2) em sessão intitulada “Notícias e destaques do passado”, fizera menção à Associação Atlética São Geraldo, agremiação desportiva das mais destacadas dentro do meio negro,

A. A. S. Geraldo – sociedade de homens Negros – foi fundada em 1º de novembro de 1917, em S. Paulo, com os fins da prática do futebol e atletismo. O seu primeiro campo, foi no fim da Rua Tupi, desaparecido com a passagem da, então, Avenida Pacaembu, majestosamente construída pela Cia. City. É campeão municipal do Centenário da Independência do Brasil.

Além do notório caráter pedagógico, a destacar sua existência e a enaltecer seus feitos desportivos, se nota a desarmonia entre a sua presença e os projetos civilizacionais das camadas sociais dominantes, sincronizados à modernização urbanística da paulicéia.

Na mesma página, algumas linhas abaixo, sob o título de “Homenageando”, Deocleciano Nascimento discorreria, em tom saudosista e melancólico, suas glórias pretéritas, enaltecendo a conquista do torneio municipal “Centenário da Independência do Brasil”, disputado em 1922,

Antigamente, o nosso futebol,
Tinha mais graça e mais animação;
Até mesmo, no céu, o astro-sol,
Ria de ver a sua evolução

Na zona Pacaembú, jogos de escol,
Era com o S. Geraldo e o maganão,
Por lá cantava, altivo, em mi-bemol
Suas proezas feras de mandão...

Zelão, Tita, Africano, Filipão,
Olavo, Caçaróia, Pé, Buiú,
Alfredo, Goiabada e Bizerrão,

Caetano, Vaca Braba, Bode e Hilario...
Uns foram campeões da Pacaembú,
E outros, campeoes do Centenário.

Pouco mais de um ano depois, os acontecimentos do torneio municipal de futebol de 1922 seria rememorado com um artigo em que remonta os detalhes da partida final entre os times S. Geraldo e Flor do Belém:

O Flôr do Belém F. C. foi o campeão municipal de 1923, cujo titulo no ano de 1922, iludiu-lhe, levando para a sua tenda o ambicionado titulo de campeão. Com que saudades me lembro daquele bem fadado dia, em que dois contendores disputavam um titulo de honra... O S. Geraldo, clube constituído, somente, de elementos de cor, contra o Flôr, formado por brancos. Eram nove horas do dia, de domingo da Ressurreição, de 1923, - dia da decisão do campeonato de futebol do Centenario, - quando me encontrei com alguns dos elementos sangeraldense que demandavam as suas casas, afim de descansar, pois na vespera, sabado de aleluia, tinham passado a noite em claro. Eu naquele tempo, era um dos membros da diretoria daquele clube; irritei-me, fiz-lhes ver a grande responsabilidade que iam assumir dali a algumas horas.

Em cada rosto, em cada fisionomia, notava-se um ar de esperança, pois, o desânimo, não tinha sequer, um sorriso da parte dos componentes do quadro que ia ganhar o campeonato.

E assim foi que no jogo, os jovens pretos, cansados, em consequência da noite perdida, anteriormente, produziram pouco, ou quase nada, no primeiro tempo. O adversário, estava com dois pontos e os seus torcedores já o aclamava campeão; mas como diz o provérbio “é melhor quem ri por último”... Pois, assim, no segundo tempo, diante da formidável pressão dos negros, o Flôr, tivera de ceder, indiscutivelmente, os pontos conquistados e mais um.

Oh!... Meu Deus! Que alegria quando descrevo estas linhas!... Sinto, em mim, tamanha comoção... parece-me que estou ouvindo os gritos de entra!... centra!... não durma!... é sua!... E depois aquela vozéria que se elevára, demoradamente nos ares: gôôôô! Gôôôô! E em triunfo, “os onze”, saíam carregados do campo, levando para o S. Geraldo o ceptro de Campeão Municipal do Centenário (AVR, n.36, 1934, p.4).

Além das associações desportivas, os bailes e festivais carnavalescos dos diversos grêmios recreativos da comunidade negra também se constituíram em importantes espaços de sociabilidade sob o estandarte do lazer. É bastante significativa sua presença nos jornais negros, seja convidando para tais festejos, seja noticiando, ainda que de maneira breve, seu acontecimento. Some-se que, muitos jornais tiveram como origem as próprias agremiações recreativas, a exemplo de títulos como O Baluarte (Centro Literário dos Homens de Cor), O Propugnador (Sociedade Propugnadora 13 de Maio), A Pérola (Sociedade Recreativa XV de Novembro), O Bandeirante (Grêmio Bandeirantes), Elite (Grêmio Dramático, Recreativo e Literário ‘Elite da Liberdade’), O Kosmos (Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos), Zuavos (Club dos Zuavos), Quilombo (Centro Cultural Henrique Dias) e A Protetora (Associação Protetora dos Brasileiros Pretos) (PINTO, 1993, p.75).

As atividades dessas associações eram intensas, com um calendário de eventos que transcorria durante todo o ano. A *Frente Negra Brasileira*, apesar de não ter como foco específico a recreação, teria nas atividades culturais um maneira de congregar a comunidade e persuadi-la de seus valores e propósitos. De modo que havia uma seção específica na FNB responsável por essas atividades culturais. Formado exclusivamente por mulheres, recebeu o nome de Rosas Negras e eram bastante destacados os anúncios de suas atividades em *A Voz da Raça*.



Imagem 5: anúncio de festival

Chamados de “festivais litero-dramático e dansante”, essas festividades possuíam uma diversificada programação com apresentação de grupos teatrais, corais, bandas, apresentação de danças e saraus. Essas festividades aconteciam no salão da Liga Lombarda, associação da colônia italiana. Essas atividades davam grande visibilidade à FNB, à medida que atraíam membros da comunidade não filiadas à entidade.

Havia uma certa conduta e comportamento esperados dos participantes desses festivais e isso era manifesto nos textos que reportavam diligentemente esses encontros.

Como bem se vê a nossa gente vai indo não só em boa maré de animação, como também de educação. Os festivais se realizavam em perfeita fraternidade porque em nossos salões já não entram como outrora, negros de faca à cinta para assistir sarais familiares; esse costume já se acabou graças à ação discreta e policial da Delegação que quer ordem e harmonia, no seio da raça(...) (AVR, n.38, 1934, p.4).

As faltas e excessos também eram apontados pelo tom disciplinador dos textos impressos,

O que desagrada é a maneira pouco elogiável de certos cavalheiros “fricoteiros” que se portam deveras inconvenientes, dando uma péssima exibição de educação, o que desagrada e deprime. Mas felizmente, esses raros energúmenos despidos de elegância e de civismo, não pertencem à Escola de Educação e Cultura que é a FNB. E como, para os grandes males emprega-se os grandes remédios, o grupo das promotoras desses festivais já tomou severas

providências para que os elementos destoantes da disciplina, doravante sejam severamente castigados, quando da exibição de seus gestos tão deselegantes como deprimentes (AVR, n.67, 1937, p.2)

Essa preocupação lapidar com condutas e comportamentos visava fortalecer o ar de seriedade, asseio e civilidade dos partícipes da associação perante não só à comunidade negra, como aos demais grupos da sociedade. Tanto que a escolha do cenário para as festividades, reduto de entretenimento da comunidade italiana, atestaria a equidade de valores e sofisticação com Valores e representações que contrastavam com a imagem de desordeiro e incivilizado atribuído aos negros à margem dessas práticas culturais socialmente benquistas e valorizadas (TIEDE, 2005).

ROSAS NEGRAS

18 DE NOVEMBRO 18 DE NOVEMBRO

Grandioso Festival Literário-Dramático e Dansante

Organizado pelo grupo acima, que mais uma vez promete agradar à distinta plateia Negra Paulistana, com o seu criterioso programa que será assim distribuído:

NO PALCO
I PARTE

Abrirá a noite o cantor negro A. NEGREIROS, do conjunto "OS BATUTAS RIOCLARENSES", juntamente com o sr. B. ANDRADE.

II PARTE

Subirá à cena, pela primeira vez, a Comédia em dois atos intitulada:

Casar para morrer
Atualidade

III PARTE

Aparecerá, pela primeira vez, organizado pelo Corpo Cênico da "Frente Negra Brasileira" um grupo sertanejo, com acompanhamento de cavacos e violões

ULTIMA PARTE

Também pela primeira vez, será apresentada, a nossa plateia, a engraçadíssima comédia em 1 ato, com o nome de

Não tem título

Não tem título, é uma comédia representada por amadores do Corpo Cênico da F. N. C., mas que fará rir o mais sisudo dos assistentes. Rir, rir, a bom rir.

Todos ao Salão da LEGA LOMBARDA
LARGO SÃO PAULO, 18

Para encerrar a noite, o GRUPO DAS ROSAS NEGRAS, fará realizar um formidável e bem organizado sarau dansante abrilhantado pelo aplaudido

J A Z E S M E R O

Imagem 6: anúncio de festival organizado pelas Rosas Negras

A pontualidade do carnaval dentro do calendário festivo anual fizera com que essas associações dispusessem de outras estratégias de aglutinação e convívio, orquestradas em atividades como quermesses, piqueniques, saraus, bailes, festivais e concursos, distribuídos ao longo do ano. Sob o verniz da diversão, essas práticas substanciariam o esforço contumaz de lapidar outra identidade coletiva, pautada na familiaridade e afinidade com práticas, normas e valores tidos como civilizados pelas camadas sociais dominantes (SILVA, 2008, p.73-9). Sua observação seria um elemento de distinção dentro e fora da comunidade negra, a denotar esmero em condutas e valores benquistos socialmente e a garantir distinção perante os desclassificados, entendido como aqueles que não se adequavam a polidez e urbanidade que os novos tempos imprimiam.

Nos anos trinta AVR não se esquivaria em noticiar os festejos carnavalescos da comunidade negra. Entre março de 1933 e novembro de 1937, período de sua circulação, se realizaram quatro carnavais, quais sejam os de 1934, 1935, 1936 e 1937. Porém, lançado quase um mês após os festejos de 1933, o periódico não fizera menção ao carnaval daquele ano, o que seria compensado nos anos seguintes, exceto com relação aos festejos de 1935, dado o hiato em sua circulação entre dezembro de 1934 e maio de 1935.

Em edição de 03 de fevereiro de 1934 (n.31, 1934, p.2), em tom de ironia e embriaguez festiva, suas páginas em alarido entusiasmo prenunciariam o seu acontecimento,

Desde há tempos que nesta capital, se vêm fazendo preparativos especiais para se receber condignamente, S. Excia. O Rei Momo, que anunciou a sua visita em fins do ano próximo passado.

[...]

Há 6 meses, ou mais, S. Excia. houve por bem ordenar aos seus vassallos da “Favela” (Casa suprema e especial dos sambas e marchas) que organizassem um infindável novelo de músicas leves, (guizos e pandeiros, tamborins e cuícas) que melhor se adaptassem ao temperamento ardoroso da gente do país.

[...]

Préstitos, ranchos, cordões, bailes, músicas, folia, tudo temos este ano, tudo a sobrar, tudo a fartar. As sociedades e os ranchos que constituem a corte do rei anual, já estão preparados, preparadíssimos, para a grande recepção, tendo já feito algumas experiências que deram bons resultados.

Enfim, mais alguns dias, e, o Rei porá em alvoroço “todo mundo”, com seus bandos de colombinas desconhecidas e de seus arlequins mascarados.

Nós, como todo o mundo, e, para não sermos a exceção da regra, também gostamos do Império diabólico e vamos entrar desde já no reduto central da pandegolândia, para matar a crise pela cabeça e esquecer o aspecto de algum

russo da prestação ou da grita do vendeiro da esquina; portanto, enveredemos pelas ruas da alegria, entremos nas grutas dos guizos e veremos que se verá.

Assinado por “General Rajovia”, pseudônimo de Raul Joviano do Amaral, o texto continuaria elencando nominalmente as associações partícipes dos festejos, acompanhado de gracejos irônicos relacionando sócios e participantes, a listar: A. A. R. Palmares, R. D. União Militar, Aliança Flor da Elite, G. R. Brinco de Princesa, R. Rio Branco, R. 28 de Setembro, R. 6 de Maio, G. C. Campos Eliseos e Desprezados, Bloco Carnavalesco Flor da Mocidade, Camisa Verde, G. das Baianas Carnavalescas, G. R. Vae – Vae, Diamante Negro.

Passados os festejos, suas folhas não se esquivariam a fazer uma análise da folia paulistana daquele ano. Momento de subversão às estruturas sociais e econômicas, a folia carnavalesca seria um lampejo de alegria às agruras cotidianas impostas aos ocupantes das fímbrias da sociedade, seja pelo seu quinhão econômico, seja pelos seus atributos raciais. Ao realçar os atributos da “creoula”, a encantar e ser rainha dos dias de festejo, frustrada pela pontualidade dos amores carnavalescos, cujas relações verticais de “raça” e classe se mostram efêmeras e esguias como o próprio carnaval. Assim registrou Niger:

O carnaval da Paulicéa já passou. O nosso povo, a nossa gente soube divertir, não obstante as festividades do momo não conseguir para os grandes clubs o auxilio oficial prometido para o melhor realce; o nosso carnaval apesar de não ser comemorado como se esperava, conseguiu ao menos, durante os tres diminutos dias, de folguedos, um pouco de alegria para o esquecimento das aperturas sem conta do paulista trabalhador.

A nossa gente divertida, como sempre, fora o galardão, o indice primordial da festança maxima que dedicamos ao grande rei folião.

Os nossos cordões, deram a nota expressiva; demonstraram com vivacidade sem par dos seus componentes o quanto são capazes de realizar nesses dias festivos os nossos amantes de folguedos; balizas endiabrados, porta-estandartes bailando, ranchos e blocos a capricho, todos bem uniformisados; musicas ineditas de choros! sambas da virada, canções, marchinhas, emfim, a nota foi a concepção harmonical dos seus participantes, o gosto dos seus organizadores. Para o vindouro carnaval, teremos, por certo, coisas do outro mundo.

Agora tudo já pasou. A loirinha que se fez ouvir em todos os recantos, perdeu a sua graça; e o prestígio da morena, aquela que nos acompanha de ha muito continua como o seu cetro de um mandato crescente. As loiras de olhos de cristal, aos poucos dentro em breve, estarão no olvido. Cogita-se fazer uma nova festança, sabado de aleluia, para se coroar a paulista mais linda loura ou morena; porem, paulista em toda a linha... falando.

E as nossas creoulas, esses tipos que não rendem juro, raros de uma beleza sem par, não tem o seu valor para se fazer um concurso, para comprovar os seus dons de beleza, a graça incomparável do seu valor para se fazer um concurso, para comprovar os seus dons de beleza, a graça incomparável do seu sorriso, a que tem nos olhos toda a meiguice de uma raça e nos lábios a candura imprescindível de um beijo doce, quente e sincero de mulher que sabe amar e ser amada?...

A creoula não passa, ela vive através dos tempos que correm, correndo com todos os seus prediletos, ostentados pela pujança da raça, glorificando as gerações vindouras. Já se tem escrito talvez sobre o valor das morenas, dos seus enlevos, dos seus amores; do encanto das loiras, e da graça das mulatas!... do simbólico Pae João; da efígie sempre lembrada da Mãe Preta e na atualidade, esses tipos novos que surgem filhas diletas de uma raça forte, que se ramificaram em todos os pontos da grande terra brasileira, ainda continua a ser as olvidadas nos tempos de hoje. Como são conformadas as nossas irmãs creoulas. Elas assistem todas essas transformações próprias da evolução do povo brasileiro, com a indiferença própria das suas mães com o sorriso de uma reflexão toda adquirida de um coração magnânimo. A creoula é no momento que passa, destinada a ser mais conformada sentimentalista.

É a mais amante, a mais constante, o seu amor é a expressão ardente de seu sentimento – dedicação; sinceridade, grandeza de coração, amor felicidade.

No entanto, passam todas as mulheres com o seu cortejo de uma grandeza sem par, e a creoula tudo contempla, com sua expressão de mulher consolada, vivendo somente para contemplar as irmãs passageiras que se ramificam em todas as direções.

Passam todas as mulheres, a creoula fica. Continuará a viver fóra da elite que se perde nas ilusões constantes da hipocrisia infinita de uma ilusão perfeita, de um amor ingrato, de um sentimentalismo efêmero. Mas a creoula já venceu pela tradição herdada de um passado legendário, e as nossas irmãs vencerão mais ainda, porque não se deixaram tomar pela eclosão de ilusões de amores que morrem em todas as épocas do carnaval que passa e que deixa todos esquecidos da vida que se apaga com a realidade da própria vida – A creoula traz no coração o amor felicidade a essência da própria vida, amor fidelidade, amor dedicação, amor sinceridade que nos faz viver (AVR, n.33, 1934, p.3).

Tal cenário contrastaria com a descrição na “cobertura” dos festejos de 1936, monopolizado pela chamada de evento festivo organizado pelas “Rosas Negras”, comissão feminina organizadora de festividades dentro da FNB e da exaltação individual do feito de Aristides Teixeira, cuja fotografia acompanhara o texto a seguir:

Estampando o clichê acima [O Rei do Samba], prestamos uma pequena homenagem ao nosso colega de redação, sr. ARISTIDES TEIXEIRA. Como todos devem saber, é ele o Rei do Samba e também é autor do samba carnavalesco “Condecoração”, que bem merecidamente foi classificado em terceiro lugar no concurso de músicas carnavalescas, instituído pela Prefeitura Municipal de S. Paulo.

Aristides assim, ao mesmo tempo em que se impôs à admiração popular veio acrescer mais o seu não pequeno número dos musicistas e cancioneiros populares, alma e fonte generosa do nosso “folk – lore”.

Sobre os festejos de 1937, o entusiasmo não seria recobrado, a se atestar pela ironia ácida estampada em texto e imagem referentes às festividades daquele ano (AVR, n.61, 1937, p.3). Uma mescla de saudosismo perante tempos pretéritos, asco e reprovação diante das transformações operadas no diapasão da descentralização normatizadora orquestrado pelo poder público balizariam a interpretação do carnaval daquele contexto. A esse respeito, “S. A. Momo Tristeza” deixa em vivas cores o sentimento de que,

O triste carnaval de São Paulo triste, está muito mais triste que o carnaval de 1936. Momo que noutras plagas contagia de ardores juvenis e de alegria doída, desde o respeitável estadista ao esfomeado mendigo, encontra seu “cobertor” nas terras garoentas da cidade anchieteana.

Por quê?

Porque o dinâmico construtor não descansa da obra [ilegível], não gazea os 3 dias do carnaval, na corrida dos corsos, nas cadências dos cordões, nos enredos dos ranchos, nas arrogâncias dos clubes, nas febris agitações dos brinquedos, dos combates, dos bailes!

Porque a triste gente de minha terra não quer encontrar alegria na alegria pagã de todos os povos.

A gente vê um movimento mais intenso na cidade carnavalesca. Assim a zabumba gritante, o festivo jaz, a batucada hervica (sic) vão surgindo. Os bailes se multiplicam. Mas mesmo assim a gente fica pensando no triste carnaval de São Paulo Triste.

Que recepção triunfal de tristeza te aguarda, Momo Alegre!

Ao lado do texto, figuraria a imagem desconcertante de um carnaval descaracterizado pela imagem solitária de Momo, cuja alegria se daria pelo avançado estado etílico, a se equilibrar sorridentemente de mãos ocupadas sobre um barril avizinado por garrafas. Além da sugestiva referência à Antártica, chama a atenção a estrela de Davi a particularizar o barril. O álcool e o estrangeirismo, aqui personificado no judaísmo, seriam elementos ameaçadores aos esteios sociais e morais da nacionalidade brasileira, correntemente debatidas nos mais diversos textos e momentos de *A Voz da Raça*.



Imagem 7: Os aliados de Momo (AVR, ano III, n.61, 1937, p.3).

O carnaval paulistano de 1937 tivera uma forte participação da prefeitura em sua organização, formatação e descentralização. Logradouros públicos foram disponibilizados para seus festejos, com recursos de sonorização e iluminação, sob ornamentações temáticas específicas, garantindo um grande sucesso dos dias de folia (SILVA, 2008, p.171-8).

O período de folia carnavalesca, contudo, não encerrava os momentos festivos da cidade. Ao longo de todo o ano, festividades promovidas pelos mais diversos grupos sociais, substanciavam práticas de convívio e de estreitamento de laços de pertencimento, cuja dinâmica passava pelo crivo social, étnico, profissional e de classe, enfim, balizas em consonância com a extrema heterogeneidade da tessitura social da urbe paulistana.

Assim, dado o massivo fluxo imigratório e a constituição de suas “colônias”, muitas foram as associações fundadas na cidade desde fins do século XIX destinadas a esses personagens amalgamados pela origem étnica-nacional, a exemplo do *Gioconda*, *Giuseppe Verde* e *Itália Fausta*, dos imigrantes italianos; *Lusitânia*, *Portuguesa de Desportos* e *Clube Ginástico Português*, dos portugueses, e, da colônia alemã, o *Clube Germânia*.

Embora destinados a públicos díspares, as atividades culturais lá empreendidas se aproximavam sobremaneira. Se não propriamente no conteúdo e público alvo, ao menos no formato. Os bailes, por exemplo, palco de socialização, troca, afirmação e estreitamento de laços identitários a imiscuírem-se no universo da ritualização lúdica e imagética proporcionada pela música – campanha memorial e sensitiva de reminiscências de tempos pretéritos e a permear sonhos futuros – se constituíram em momentos privilegiados de ritualização ou criação do *ethos*.

O baile no meio negro dispunha de grande sucesso e adesão. Ritmado por conjuntos musicais ao som de valsas, mazurcas, ‘ragtime’ e ‘jaz’, erigiu-se enquanto cenário de vivências, trocas, manifestações de pertencimento social e identitário deveras importante, uma vez livres das ingerências ordinárias do “mundo dos brancos”. Além disso, outras atividades eram promovidas e organizadas pelas associações⁸: piqueniques, excursões, concursos de beleza, saraus, competições esportivas, apresentações teatrais e musicais, dentre outras, divulgados em profusão nos mais diversos periódicos negros.

Localizados majoritariamente na região central da cidade, espalhando-se para bairros como Bexiga, Bom Retiro, Liberdade ou o Brás, essas associações eram avizinhas por seus congêneres adventícios. Isso, aliado ao fato da comunidade negra não constituir territórios específicos até o decênio de 1930, ao contrário, apresentar-se dispersa pelo contorno urbano (ROLNIK, 1989), em contato com estratos populacionais múltiplos, dialogara com manifestações sócio-culturais valorizadas e benquistas, capitais simbólicos distintivos no universo sócio-cultural da paulicéia em transformação.

Marina Mello (1999), em *O ressurgir das cinzas, negros paulistas no pós-abolição*, a partir da análise da imprensa negra entre os anos de 1915 e 1923, chamou a atenção para o quanto a simbiose provocada pelo convívio do contingente negro com os mais diversos grupos adventícios, fora um elemento nodal na construção identitária negra. Em meio a relações de conflito e aproximações, a alteridade estivera presente ajudando a dar forma e conteúdo aos laços de pertencimento e distinção da população negra.

⁸ No plano político-institucional Francisco Foot Hardman, ao pesquisar as manifestações culturais no meio operário entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX em São Paulo, a privilegiar o anarquismo enquanto escopo analítico, atentou para as manifestações lúdicas enquanto estratégia de conscientização e arregimentação político-ideológica dos trabalhadores, de modo que os Festivais – balizados pela música, a literatura, o esporte e a política – tiveram enorme importância enquanto método de persuasão e difusão dos preceitos anárquicos. Cf.: HARDMAN, 2002.

Essa possível apropriação de símbolos sociais e culturais “alienígenas” às de tradição afro foi acompanhada com ressalva e distanciamento por parcelas de pesquisadores. Polarizando ‘mundo dos brancos’ ao ‘mundo dos negros’, esses estudiosos tenderam a considerar essas manifestações negras como “desprovidas” das *tradições africanas*, consistindo-se assim, em aporias culturais corrompidas, degeneradas e/ou dominadas pela *ideologia do branqueamento*, cuja forma cabal se daria no *negro de alma branca*⁹. Contudo, essa matriz interpretativa tendeu a realizar uma leitura em que a tradição cultural africana ficara cristalizada na imagem do africano escravizado recém egresso das plagas africanas, desprovendo a cultura de seu pulsar dinâmico e dialético, geratriz de múltiplas outras manifestações culturais.

Esse arcabouço analítico serviu de esteio a muitos pesquisadores que analisaram a população negra da cidade de São Paulo da primeira metade do século XX. A identificar a existência da estratificação social no meio negro¹⁰, composta de uma *elite*, freqüentadora dos clubes e signatária de práticas, valores e símbolos do ‘mundo branco’, e de uma *plebe*, mais pauperizada, habitante das regiões mais distantes da cidade e fiel às tradições culturais e religiosas de matriz afro.

Segundo Domingues (2004), a elite negra teria se configurado como grupo dos dirigentes políticos da comunidade, e “aceitos como tal pelos brancos”, enquanto a plebe negra era formada pelos desqualificados socialmente, cuja diferença estaria no fato de os negros da elite serem “fundamentalmente alfabetizados”, em contraposição à plebe em que a “unidade deste setor materializava-se pelo analfabetismo”. Quanto ao significado ideológico, o autor afirma que a elite negra “reproduzia os valores ideológicos da classe dominante”, entendidos como práticas que destoariam de uma cultura genuinamente afro.

Por seu turno, Pinto (1993) também centra a diferença entre a elite e a plebe negra em padrões culturais, mas não prioritariamente econômicos. Para a autora, o sentido de elite está na capacidade de organização e crítica desse segmento em contraposição ao resto da massa negra. Isso porque, através dos relatos de militantes do movimento negro da década de trinta, a autora afirma que a elite era o segmento com o qual as lideranças negras se identificaram, e que essa liderança discorda do termo elite por não acreditar que a ascensão social conseguida por parte da

⁹ De certo modo, signatários dessa chave interpretativa, podemos citar Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, mestres da chamada “Escola Paulista de Sociologia”, matriz norteadora de gerações de sociólogos e historiadores.

¹⁰ Cf.: Fernandes, 1978; Ferrara, 1986; Andrews, 1998; Domingues, 2004.

população negra tenha sido suficiente para classificá-la como uma elite, nem mesmo se tratando de uma pequena burguesia, ou de uma classe média. Segundo a autora, esses relatos indicam uma tentativa, por parte dessa elite crítica, de quebrar as barreiras de classe, entre elite e os desclassificados, em prol da luta contra o preconceito.

O fato, é que “elite” ou “massa” esses personagens estiveram extremante entranhados e irmanados nas mesmas múltiplas situações de exclusão e cerceamento, e, além disso, ao transpor os círculos da comunidade negra, “sob o olhar dos brancos, das autoridades e da sociedade em geral, eles não eram nem pretos, nem de cor. Eram todos negros, ou seja, recém-egressos da escravidão e associados a tudo que havia de pior na sociedade” (TIEDE, 2005, p.71).

A comunidade negra estivera longe de ser um grupo populacional homogêneo, contudo suas diferenças não estiveram balizadas nas dicotomias de classe, mas sim nas de num certo viés cultural, gestado, sobretudo, nas mais diversas associações negras. Nesse sentido, conforme salienta Sirinelli,

As elites culturais [...] não existem como entidades autônomas, em posição de extraterritorialidade. Estão, pelo contrário, ligadas à sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade (1998, p.264).

Em 1926 *O Centro Cívico Palmares* (CCP) seria fundado com o intuito de propor uma nova envergadura às causas negras, preterindo as práticas recreativas de seus antecessores, a entidade mantinha uma biblioteca, um grupo cênico, uma seção feminina e um curso de alfabetização. Congregou número significativo de lideranças, a exemplo de Vicente Ferreira, Raul Joviano Amaral, Marcos Rodrigues dos Santos, os irmãos Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos, nomes partícipes de diversas entidades negras. No entanto, apesar do sucesso conquistado, em 1929 discordâncias internas levariam a seu término.

Nos anos seguintes, muitos dos seus ex-integrantes se coadunariam na fundação da *Frente Negra Brasileira* (1931 – 1937), apontada pela historiografia como das maiores e mais importantes experiências de mobilização institucional da comunidade negra na primeira metade do século XX¹¹.

Algumas interpretações conjugaram o seu surgimento aos desdobramentos da crise de 1929 e o conseqüente agravamento das já precárias oportunidades e condições de trabalho e

¹¹ Cf.: Andrews, 1998; Malatian, 2001; Oliveira, 2002; Domingues, 2005; Oliveira, 2006; Hofbauer, 2006.

renda do contingente negro (MALATIAN, 2001, p.54), ou ainda ao agravamento dos embates políticos que acabariam por desaguar na “Revolução de 1930” (OLIVEIRA, 2002). Por outro lado, se as contingências de fins da década de 1920 não respondem unilateralmente às motivações e implicações da institucionalização da FNB, contudo, são partes inexoráveis da trama que possibilitou sua emergência, a conjugar também a própria trajetória de participação e organização, individuais e coletivas, dos mais diversos tipos de associações negras desde fins do oitocentos (DOMINGUES, 2005, p.39).

Por certo, o contexto de 1930 e os desdobramentos do governo de Getúlio Vargas, estimularam o revigoramento de anseios e projetos, que encontraram eco em algumas medidas e princípios de grande popularidade e aceitação dentro da comunidade negra, a exemplo do discurso nacionalista, da emergência de manifestações culturais negras alçadas a símbolos nacionais, como a capoeira, o carnaval e o samba, e, sobretudo, pelo decreto 19.482, de 12/09/1930, em que prescrevia a obrigatoriedade das empresas destinarem dois terços de seus postos de trabalho a trabalhadores nacionais.

Dada a corrente preterição frente à concorrência “branca” e, sobretudo, imigrante, aos postos de trabalho e a perene inferiorização social, muitos negros entenderam que os desenlaces de trinta lhes proporcionariam uma outra integração ao concerto político e social brasileiro, possibilidade que durante a Primeira República havia sido deixada no limbo. De modo que não raro os impressos negros, seja nas entrelinhas ou mesmo de modo mais explícito, exaltavam a figura de Getúlio Vargas e de seu governo. A própria *Frente Negra Brasileira* foi uma das mais contundentes signatárias desse apoio, a transparecer em artigos, notas e editoriais de *A Voz da Raça*.

Tudo se passou até 1930. Até essa época, tudo se via; o próprio exército não queria aceitar um homem de cor em suas fileiras. Em S. Paulo, nem a Força Pública nem o comércio, não queriam ver o negro transitar em seu meio, enquanto os brancos, que mal assinavam os nomes, viviam galhardamente enfeitados sem saberem cumprir a missão que lhe era atribuída.

O ciclo de 1930, veio fazer desaparecer a empáfia de muitos que até nas funções sujeitas ao salário governamental, se julgavam dono do logra, tratando mal os seus semelhantes e entregando os cargos aos que muito bem lhe parecia merecedor, não, importando se estes estavam ou não em condições de ocupá-los.

O ciclo Getuliano apareceu e os monopolizadores dos bens nacionais desapareceram com todo o orgulho e com suas empáfias. E o negro que vivia abandonado, poder respirar, conseguindo organizar o centro da civilização onde

será ampliado o grau intelectual dos seus irmãos de cor pouco cultivados (AVR, n.33, 1934, p.4).

Os desdobramento de 1930 trouxe embutido a esperança de uma “segunda abolição”, alicerçada na efetiva liberdade e integração da população negra à sociedade, sob a perspectiva das transformações sociais efetivas em contraposição à “República Velha”, sinônimo na memória de muitos negros de oligarquia, exclusão, preterição e sectarismo.

Além de se enveredar no emaranhado político do decênio de 1930, a entidade fretenegrina primava, sobretudo, pela existência de uma ampla rede associativa em consonância aos seus princípios de “elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física”, além de “assistência, proteção e defesa social, jurídica e econômica e do trabalho”.

De modo que, em sua sede à rua Liberdade, 196, funcionavam diversas repartições que visavam assistir a seus associados em suas mais diversas necessidades, a exemplo do: Departamento de Instrução, também chamado de Cultura ou Intelectual, responsável pelos cursos de alfabetização; Departamento de Artes e Ofícios, que ministrava cursos profissionalizantes, como de pedreiro, marcenaria, desenho, pintura, corte e costura; Departamento de Colocações Domésticas, agenciava mulheres para postos de trabalho domésticos; Departamento Dramático, responsável por manter um grupo cênico; Departamento Musical, que oferecia aulas de piano, sax, violino, flauta; Departamento Esportivo, responsável pela “cultura física” dos associados; Departamento Jurídico-Social, que prestava assistência jurídica, principalmente na área trabalhista; Departamento Médico, ou de Saúde, prestava assistência médica e odontológica; Departamento de Propaganda, incumbido de disseminar os preceitos da entidade entre as comunidades negras paulistana e alhures; e, Departamento de Imprensa, responsável pelo periódico *A Voz da Raça* (DOMINGUES, 2005, p.102 – 128).

Entre os pesquisadores não há consenso quanto ao número de seus partícipes, Malatian (2001) fala em milhares, Gomes (2005) aventa que seria mais pertinente a cifra de seis mil associados na capital e mais dois mil em Santos, porém, apesar da dificuldade documental na comprovação quantitativa, o seu sucesso foi significativo e não se limitou aos contornos da capital paulista. Através de AVR é possível constatar a infiltração da FNB em plagas outras, a se atestar pelas frequentes notas destacando a atuação e os acontecimentos em suas delegações, a exemplo de: Tietê, Amparo, Porto Feliz, São José do Rio Pardo, São José do Rio Preto, Sorocaba, Jundiáí, Mococa, Rio Claro, Itapira, Campinas, Birigui, Coroados, Campos Novos,

Penápolis, Araçatuba, Brotas, Ribeirão Preto, Ipaussu, Vargem Grande, Itapetininga, Uberlândia e Araxá.

Sem dúvida *AVR* foi um instrumento cuja capilaridade viabilizou o alargamento geográfico de atuação da FNB, seja entre a população negra, ou mesmo entre outras camadas sociais. Essa situação fortaleceu a própria importância do periódico dentro da entidade, seja enquanto um veículo de informação, e, porque não, de formação, seja pelo seu significado simbólico no universo social e cultural brasileiro, elemento a atestar esmero e refinamento intelectual a seus partícipes, e, ainda, a gabaritá-los a níveis de protagonismo político e cultural mais elevados, em sincronia com os estratos sócio-culturais alhures.

Porém entre as leituras que substanciaram as interpretações históricas sobre *A Voz da Raça*, prevaleceu um viés em que primara em coaduná-la, de maneira bastante categórica, aos esteios político-ideológicos da FNB. O que foi perfeitamente possível graças as umbilicais relações entre ambas.

Todavia, apesar de ter sido o “Órgão Oficial” da *Frente Negra Brasileira*, os escritos em *AVR* extrapolaram a órbita de sua mantenedora, ao dar guarida, sob tensos e inflamados embates, a intelectuais, idéias e projetos, não necessariamente afinados ao diapasão frentenegrino, a se atestar pelos múltiplos sentidos e propósitos cristalizados em suas folhas. Ainda que perceptíveis apenas de modo disforme e indiciário, esses fragmentos de escorregadia significação estão longe de representar detalhes desimportantes no fluxo da história, retificada à luz de sua racionalização lógica que lhe confere inteligibilidade, ao contrário, denotam esferas semânticas subterradas pelo verniz reluzente das primeiras camadas epidérmicas.

Tentar desnudar esses possíveis e tortuosos caminhos, atentando para seus aspectos mais triviais, ajuda a devolver à documentação outros sentidos, arrefecidos e imperceptíveis ao olhar forasteiro do pesquisador contemporâneo. À medida que essas marcas do pretérito se constituem de rastros discursivos quase apagados, de um léxico alinhavado às contingências individuais e ou coletivas não documentadas, dispersas em biografias desconhecidas além das imagens e representações engendradas e imortalizadas pelos prelos negros.

II - Aríete de ébano: culturas impressas em tintas negras

II.1. Palavras em papel e tinta

... a imprensa, espelha a cultura e o povo
(AVR, n.4, 1933, p.3)

Em um grupo social no qual o analfabetismo há muito grassava de modo avassalador, o que justificaria, ao longo da primeira metade do século XX, o hercúleo esforço – material e intelectual, inclusive – de grupos desse mesmo contingente populacional em construir um bem cultural aparentemente efêmero e acessório perante às urgentes necessidades materiais de sobrevivência, cujo principal requisito para seu usufruto era a capacidade leitora?

Antes, porém há que se ter no horizonte as próprias implicações históricas desse ato no Brasil ao longo de sua história, uma vez que a experiência da escolarização em massa no país fora uma experiência extremamente recente, só manifesta em tempos de república. A tal ponto que o quinhão simbólico advindo dos ritos escolares, substanciados em seus diplomas, há muito funcionara como um elemento de manutenção e legitimação das elites no poder, além de capital instrumento para se galgar postos políticos e econômicos mais prestigiosos às camadas sociais intermediárias.

Do ponto de vista cultural, a modernização da civilização oitocentista tivera no romance um de seus principais emblemas. Objeto de manifestação e consumo de uma burguesia em franca ascensão na Europa, encontraria, por seu turno, desafios limitadores em plagas nacionais, uma vez que a cultura letrada era ainda uma gleba de difícil acesso e explorada por poucos.

Nesse sentido é emblemático o cenário desnudado por Hélio Guimarães (2008) no tocante à população leitora de romances no século XIX, em grande medida circunscrita aos círculos dos próprios escritores. Mesmo nomes “consagrados” de nossa literatura viam-se tolhidos pela pequenez do circuito letrado, a transformar escritores nos principais consumidores de suas criações literárias, mesmo no Rio de Janeiro, pólo irradiador do modelo civilizacional do país. Essa situação sofreria mudanças apenas em fins do século XIX, acompanhada de uma certa profissionalização dos escritores, cooptados pela imprensa em processo de solidificação empresarial.

No tocante a São Paulo, a historiografia aponta a fundação da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1828, como marco fundante da cultura letrada na cidade¹², a gestar e nutrir amplos personagens de destacada atuação nas arenas política e cultural, como barões, viscondes, senadores, presidentes da província e literatos reconhecidos. Centro articulador das elites paulistas incitara, desde logo, o surgimento de outros espaços do universo letrado, ao articular e proporcionar o surgimento de bibliotecas, sociedades literárias e casas livreiras, além da circulação de diversos tipos de impressos como periódicos acadêmicos, folhetins, jornais, cujo circuito limitava-se aos indivíduos que orbitavam a faculdade.

Ao longo do oitocentos, a se agudizar em seu último quarto, a falta de sincronia entre os avanços político-econômicos e o papel coadjuvante dispensados à História e às letras paulistas, incomodara sobremaneira suas elites. Sob o mister de dotar São Paulo de um papel de relevo na arena cultural brasileira, os intelectuais paulistas, congregados no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, se embrenharam na tarefa de erigir, sob a batuta da literatura, uma História condizente com sua pujança política e econômica crescentes, contudo,

A identificação dos seus escritores com o passado não comportava a presença negra: sua ciência-literatura abria espaço, apenas, ao lendário mundo dos herdeiros da nobreza européia, de braços dados com os seguidores de Peri-Tibiricá (FERREIRA, 2002, p.147).

Tal cenário reforça o grau elitista e cerceador do mundo das letras paulistas, imerso sobre si, seja na circulação de seus produtos letrados, seja nos enredos, personagens e itinerários históricos enveredados em suas construções, a alijar do procênio da cultura letrada, material e simbolicamente, os desafinados ao diapasão mítico da civilização desejada, cujos significados transcendem as fronteiras histórico-imagéticas.

A capacidade de entranhar-se pelo universo das letras, na aurora republicana, por seu turno, não se resumira ao acesso às manifestações culturais e políticas apreendidas em papel e tinta, mas também a possibilidade de gozar de uma cidadania de contornos mais largos e consistentes, atestada, por exemplo, pela Carta Magna de 1891, na qual a cidadania é matizada a partir da alfabetização, uma vez que aos alfabetizados estaria assegurado o acesso aos direitos políticos e civis, enquanto aos demais apenas os civis¹³, pois,

¹² Cf.: Cruz, 2000; Ferreira, 2002; Martins, 2008.

¹³ Assim rezava a Constituição de 1891, em seu septuagésimo artigo:

[...] o ‘saber ler’ passou a ter no Brasil republicano atributo significativo para o cidadão da nova ordem. No quadro da urbanização [...] o saber ler tornou-se emblema distintivo, não só para a colocação no mercado de trabalho [...] como para o exercício da cidadania (MARTINS, 2008, p. 2001).

Chave a permitir ingresso a níveis mais consistentes de cidadania, a desnudar outras realidades, imagens, leituras e manifestações culturais, a cultura letrada foi a forma e o conteúdo em muitas manifestações de luta e resistência negra ao longo da primeira metade do século XX em São Paulo, de modo mais consistente, numérica e cronologicamente, na capital. A grande profusão de conflitos, embates e tensões entre os mais diversos partícipes da experiência urbana paulistana, desde fins do oitocentos às décadas iniciais do século seguinte, fora o combustível a alimentar de modo profuso e perene a várias manifestações sociais cujo esteio estivera calçado na cultura letrada, congregando experiências, leituras e projetos em variados matizes.

A esse respeito, chama a atenção a significativa quantidade de periódicos negros a circular na cidade entre 1889 e 1937 (Quadro – 2), haja vista a possibilidade ainda de muitos terem desaparecido antes que chegassem a ser localizados, ficando apenas na memória de seus contemporâneos. Como pode se depreender da leitura de “Gentes e fatos de outras épocas”, em que ao elencar os periódicos “criados pelos homens de cor, com os fins únicos de tratarem de interesses de nivelamento racial em nosso país”, listara-se vários títulos, com informações acerca de data de fundação e possíveis responsáveis, além dos resquícios da existência de outro título subterrada pela sinuosidade da memória.

A Perola – órgão oficial do extinto Clube Dançante 15 de Novembro, fundado, mais ou menos em 1912 por Benedito Prestes, que naquela época era, como até presentemente, funcionário da Cia. de Gás.

O Patrocínio – fundado pelo dr. Olimpio Gentil de Arruda, mais ou menos em 1913.

O Menelik – fundado por Deocleciano Nascimento, em 1914, naquela época fundidor e estudante do Curso Noturno de Contabilidade, no Liceu Salesiano.

Art 70 – São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei.

§ 1º - Não podem alistar-se eleitores para as eleições federais ou para as dos Estados:

1º) os mendigos,

2º) os analfabetos,

[...]

Binoculo – fundado em 1915, por um grupo de rapazes, na Barra Funda, chefiado por Teófilo de Camargo, que naquela época era alfaiate, hoje, é sargento do exercito nacional.

A Rua – jornal que existiu no Braz e defendia o programa d'O Binoculo e do Menelik, 1915.

O Xauter – fundado em 1915 pelo falecido Deoclecio Miné, para combater o Binoculo e O Menelik.

O Alfinete – fundado em 1919 por Augusto Euzebio de Oliveira, naquela época, brigada da Força Publica, hoje solicitador.

A Liberdade – fundado em 1920 por Gastão R. da Silva, fiscal municipal.

A Princesa do Norte – fundado em 1920, pelo falecido Antonio Pereira da Silva, (tio-Urutú) cozinheiro do Instituto Disciplinar.

O Kosmos – fundado em 1922, órgão do Centro R. Kosmos, sob chefia de Frederico Batista de Souza.

O Elite – fundado em 1923, por Alfredo E. da Silva, funcionário da Recebedoria de Rendas.

O Tamoio – fundado em 1923, por Alberto Orlando, jornalista e distinto orador da raça.

Nosso Jornal – fundado em 1923, por Dionisio Barbosa, marceneiro e atualmente, da Escola Normal.

O Clarim d'Alvorada – fundado em 1923, por Jaime de Aguiar, funcionário publico estadual.

O Auriverde – fundado em 1928, por João Augusto de Campos, sob a responsabilidade de Deocleciano Nascimento.

O Progresso – fundado em 1928, por Argentino Celso Vanderlei, funcionário da Comp. Telefonica.

A Chibata – fundado em 1931, órgão anônimo de humorismo e combate.

O Quilombo – fundado em 1926 por Augusto Euzebio de Oliveira, fundador do Alfinete.

A Promissão – fundado em 10 de julho de 1932, sob a direção dos srs. Ernesto S. Maria, Manoel B. de Freitas e Abel BI de Freitas.

O Azulão – cuja época da fundação e diretores, nos falha a memória. (AVR, n.5, 1933, p.4).

Não circunscrita à comunidade negra, ao contrário, a fundação e circulação de jornais, revistas e folhetins, em suma, de uma cultura letrada impressa solidificou-se na cidade em perene transformação. Em sincronia com o processo de popularização dos códigos da escrita e leitura no cotidiano dos grupos sociais externos às elites, alargaram de modo contumaz seus círculos de construção, trânsito e consumo, à medida que

Fazer jornal tornou-se uma das atividades centrais de grêmios escolares, das associações recreativas, dançantes e artísticas, dos grupos literários. Reunir-se para dançar, formar grupos dramáticos e musicais, associações carnavalescas e esportivas era também oportunidade para escrever e fazer imprensa (CRUZ, 1997, p.23).

Além disso, transitar pelo mundo da escrita era uma prerrogativa dos novos tempos, no qual a modernização em curso na cidade operava-se via palavra impressa, a dar sentido e inteligibilidade à nova arquitetura cultural e econômica. Sob sua guarida operava-se o acesso a certos empregos, aos sentidos de produtos e marcas com seus rótulos e embalagens, e, ainda, à profusão de imagens e mensagens estampadas na contundente corrente periódica.

E ao movimento de erupção dos pequenos jornais, extremamente segmentados, se relacionara diretamente à emergência de questões e grupos outrora alijados da cena social e cultural. A quebra do monopólio da cultura letrada proporciona a essas personagens a socialização de suas vivências, leituras, projetos e concepções, em muito dissonantes da ordem sócio-cultural vigente, materializada na palavra impressa.

Dada a heterogeneidade étnica-nacional a constituir a tessitura urbana de São Paulo daquele período, a maioria dos pequenos jornais, atrelada a segmentos sociais específicos, pertencia aos mais diversos grupos adventícios, que em suas línguas natais, muitas vezes, reforçavam laços de pertencimento e identidade, veiculando notícias, notas, acontecimentos, imagens e representações pertinentes a seu grupo e cultura, a exemplo de *Fanfulla* (1891), *Diario Español* (1897), *Le Messenger du São Paulo* (1897) e *Fata Lubnan* (1912), das comunidades italiana, espanhola, francesa e árabe, respectivamente.

As décadas seguintes seriam acompanhadas pelo aumento dessas pequenas folhas, por certo a espelhar a popularização dos prelos como também a apreender múltiplos anseios e expectativas no concerto político, social e cultural então em curso. A exemplo da *imprensa operária* paulistana, que a partir de uma forte politização discursiva, de reluzente verniz anarquista, tivera como mote organizar os operários, dando-lhes forma e instrumentos de reivindicação e luta (FERREIRA, 1978).

Trazer a lume reivindicações específicas, dar voz a personagens outrora contidos, nuançar projetos e anseios, reforçar imagens ou destruí-las por completo sob o mister da emergência de outras representações, foram eixos, que de uma forma ou de outra, se articularam aos propósitos norteadores desses jornais.

Tabela – 1: Distribuição cronológica da imprensa negra paulistana entre 1907 e 1937.

	O Propug-nador	A Pérola	O Menelick	Binóculo	A Princesa do oeste	A Rua	O Xauter	O Alfinete	O Bandei-rante	A Liberdade-de	A Sentinela	O Kosmos	Elite	Norte	dAlvarada	Nosso Jornal	Auri-verde	Tribuna negra	Progresso	Quilombo	Chibata	O Estímulo	A Voz da Raça
1907	X																						
1908																							
1909																							
1910																							
1911		X																					
1912		X																					
1913		X																					
1914		X																					
1915		X	X	X	X																		
1916		X	X			X	X																
1917																							
1918								X	X														
1919								X	X	X													
1920								X		X	X												
1921								X															
1922												X											
1923												X	X										
1924												X	X	X	X	X							
1925												X			X								
1926															X								
1927															X		X						
1928															X		X	X	X				
1929															X				X	X			
1930															X				X				
1931															X				X				
1932															X				X		X		
1933																							X
1934																							X
1935																						X	X
1936																							X
1937																							X

Fonte: Ferrara, 1986; Pinto, 1993.

Problematizando a prática da leitura na sociedade francesa entre os séculos XVI e XVIII, Roger Chartier (2001) asseverou sobre a limitação da análise da cultura impressa enquanto produto cristalizado de camadas sociais determinadas e antagônicas. Dissertou de modo enfático para a fluidez dos objetos do universo letrado entre camadas socialmente disparelhas, permeadas pela confluência da palavra impressa a transpor plagas sociais estabelecidas através de sua circulação e circularidade:

A circulação dos mesmos objetos impressos de um grupo social a outro é, sem dúvida, mais fluida do que sugeria uma divisão sociocultural muito rígida, que fazia da literatura erudita apenas uma leitura das elites e dos livros ambulantes a dos camponeses (p.79).

Se não nos é possível fazer afirmativa de tal envergadura sobre o mosaico social paulistano em questão, com relação à imprensa negra especificamente, chama a atenção a sua acurada lapidação semântica despendida para alguns de seus subtítulos. Assim, palavras como “noticioso”, “literário”, “crítico”, “humorístico”, combinadas de diferentes formas, mais do que simples alegorias estético-discursivas, parecem pretender dialogar com manifestações letradas de camadas sociais outras, depositárias e guardiãs simbólicas de tradições culturais benquistas e hegemônicas. Porém, tais adornos estão longe de arrefecer seu significado político, a se atestar pelas chamadas de cabeçalho como “dos homens de cor”, “dedicado à classe de cor”, “combate em prol do reerguimento geral da classe dos homens de cor”, “para a defesa dos interesses dos homens pretos”, muito presente até o decênio de 1920.

O caráter artesanal desses jornais acarretava uma periodicidade predominantemente inconstante, de tiragem modesta e, na maioria das vezes, de efêmera existência. Isso se deve sobremaneira às limitações financeiras e materiais para tal empresa, acarretadas, sobretudo, pela instabilidade e preterição do contingente negro no mercado de trabalho, aos seus baixos vencimentos e, além disso, às dificuldades técnicas, uma vez que os responsáveis pela construção do jornal eram concomitantemente, muitas vezes, seus escritores, editores, operadores da impressão e principais financiadores, haja vista que as receitas obtidas com sua venda, principalmente nos bailes, e a crescente veiculação publicitária em suas folhas, eram insuficientes para arcar totalmente com seus custos. O testemunho de José Correia Leite, co-fundador de *O Clarim da Alvorada* e um dos principais intelectuais do meio negro, é, a esse respeito, exemplar: “Ninguém comprava e nós dávamos os jornais gratuitamente. Pagávamos o

papel com nosso dinheiro e sempre tínhamos prejuízo” (*apud* FERRARA, 1986, p. 52). Esses periódicos gestaram e ajudaram a dar forma e conteúdo a uma certa intelectualidade, detentora de atributos sociais, políticos e culturais, decidida a solidificar e dar contornos mais firmes a diversas manifestações do meio negro via palavra impressa.

Tabela 2: periódicos negros paulistanos

Título	Período	- Informações da publicação
A PÁTRIA	1889	Fundado na cidade de São Paulo pelo tipógrafo abolicionista Ignácio Araújo Lima
O PROPUGNADOR	1907	Fundado na cidade de São Paulo
A PÉROLA	1911 – 1916	Fundado na cidade de São Paulo por Benedito Prestes, funcionário da Cia. de Gás
O PATROCÍNIO	1913	Fundado pelo dr. Olimpio Gentil de Arruda
O MENELIK	1915 – 1916	Fundado na cidade de São Paulo por Deocleciano Nascimento (na época, fundador e estudante do curso noturno de contabilidade do Liceu Salesiano)
BINÓCULO	1915	Fundado na cidade de São Paulo por um grupo de rapazes da Barra Funda, era chefiado por Teófilo de Camargo, alfaiate
A PRINCESA DO OESTE	1915	Fundado na cidade de São Paulo
A RUA	1916	Jornal que foi lançado no bairro do Brás, cidade de São Paulo, por Domingos José Fernandes
O XAUTER	1916	Fundado na cidade de São Paulo por Deoclecio Mine
O ALFINETE	1918 – 1921	Fundado na cidade de São Paulo por Augusto Euzébio de Oliveira, solicitador
O BANDEIRANTE	1918 – 1919	Fundado na cidade São Paulo por Antonio dos Santos e Joaquim Cambará (militar do Exército), entre outros
A LIBERDADE	1919 - 1920	Fundado na cidade de São Paulo por Gastão R. da Silva, fiscal municipal
A SENTINELA	1920	Dirigido por Ernesto A. Balthasar na cidade de São Paulo
O KOSMOS	1922 – 1925	Fundado na cidade de São Paulo sob a chefia de Frederico Batista de Souza, bedel e depois amanuense da Faculdade de Direito do Largo São Francisco
ELITE	1923 – 1924	Fundado na cidade de São Paulo por Alfredo E. da Silva, funcionário da Recebedoria de Rendas
A PRINCESA DO NORTE	1924	Editado por Antonio Silva, na cidade de São Paulo
O CLARIM DA ALVORADA	1924 – 1940	Fundado por Jaime de Aguiar, funcionário público estadual, e José Correia Leite, que trabalhava em “serviços de drogaria ou depósito de artigos farmacêuticos”
NOSSO JORNAL	1924	Fundado na cidade de São Paulo por Teófilo Camargo e Cornélio Aires
A AURIVERDE	1927 - 1928	Fundado na Capital por João Augusto de Campos
TRIBUNA NEGRA	1928	Fundado na cidade de São Paulo
PROGRESSO	1928 - 1932	Fundado na cidade de São Paulo, por Argentino Celso Wanderley, funcionário da Cia. Telefônica
QUILOMBO	1929	Fundado na cidade de São Paulo por Augusto Euzébio de Oliveira

CHIBATA	1932	Fundado por José Correia Leite para criticar a Frente Negra Brasileira
A VOZ DA RAÇA	1933 - 1937	Periódico da Frente Negra Brasileira, fundado em São Paulo (FERRARA, 1986; PINTO, 1993; DOMINGUES, 2008)

II.2. Em tintas negras: *A Voz da Raça*

Ler “A Voz da Raça”
Assinar “A Voz da Raça”
Propagar “A Voz da Raça”
Anunciar “A Voz da Raça”
É estar trabalhando para a elevação intelectual da Raça!
 (AVR, n.51, 1936, p.3)

Nesse sentido, é deveras emblemática a trajetória de *A Voz da Raça*, dada sua longevidade, estrutura, organização e prestígio. Institucionalmente vinculada à *Frente Negra Brasileira* desfrutara de um grau de organização e solidez ausentes entre seus congêneres: recebimento de verba da FNB, impressão terceirizada, sistema de assinaturas e distribuição, inclusive para outras cidades e estados, prestígio além das plagas paulistas, dentro e fora do meio negro. Fundada em 1933, circulara até novembro de 1937, quando da emergência do Estado Novo ocorre o seu fechamento. Totalizara 70 edições, de distribuição semanal no início, ainda no primeiro ano se tornaria quinzenal, quando, a partir de sua 51ª edição (1936) até o seu encerramento em 1937, de periodicidade mensal.

Os escritos sobre a Frente Negra Brasileira, tiveram em AVR seu principal elemento documental, dado sua estreita relação com a entidade frentegrina¹⁴, fundindo-as num mesmo *corpus* político-discursivo. Claro está, que essas tramas endógenas também influíram em tons e percursos temáticos e discursivos operados em suas folhas, porém não dão conta de todo o dinamismo que o periódico adensou, à medida que se consolidara enquanto um palco privilegiado de fluxos, trocas, experimentações e afluências de projetos e idéias, advindas de personagens vários, muitas vezes externos à própria FNB.

E, além disso, se a dimensão política de seus textos é notória, há também dimensões outras, conjugadas a estratégias de persuasão simbólica e cultural objetivadas no impresso, a

¹⁴ Cf.; Oliveira, 2002; Domingues, 2005; Oliveira, 2006.

circular e transpor limites sociais e culturais, sob a existência de forças antagônicas em sua estruturação e existência como a adesão por afinidade, rivalidade e mesmo hostilidades, antagonismos orquestrados por lógicas de afinidade ou repúdio extremamente subjetivas, próprias desses espaços de sociabilidade intelectual (SIRINELLI, 1996, p.249).

Elementos como cor, raça e cor funcionaram como balizas identitárias a substanciar a autovalorização da população negra, cuja tônica fora o protagonismo negro coevo e pretérito. Nesse sentido, é significativa a mudança em seu cabeçalho anunciada logo na primeira edição: “No próximo número o nosso cabeçalho será substituído por um ótimo trabalho do artista fretenegrino Sr. Olavo Xavier” (1933, p.2).

Imagem 8: Mudança no cabeçalho de *A Voz da Raça*



A singela imagem do busto de um indivíduo de fenótipo negro contestável, aliada a opacidade e a falta de profundidade da imagem, seria substituída pela de um negro de incontestável plasticidade: olhar esguio e altivo, a fitar a bandeira nacional, corroborara para uma nova estética e *layout* gráfico. “O preconceito de cor, no Brasil, só nós, os negros, o podemos sentir”, dizeres atribuídos a Isaltino Veiga dos Santos, permaneceriam no cabeçalho do periódico, porém em posição de maior destaque. Na parte inferior não houvera mudança, permanecendo à direita os preceitos “Deus, pátria, raça e família”, toque pessoal de Arlindo Veiga dos Santos, destacado integrante da FNB e do movimento patrianovista (MALATIAN, 2001).

De formato tipo tablóide, com quatro páginas, sua organização interna obedecia a um certo padrão distributivo das seções. Na primeira página figuravam as principais notícias e idéias, de autoria de seus editores, ou assinada individualmente por alguns nomes de relevo intelectual dentro do meio negro. Nas demais páginas se sucediam notas, chamadas, informes e balancetes da própria FNB, artigos de colaboradores pontuais, muitas vezes de outras cidades ou mesmo estados, memórias da escravidão e do protagonismo negro, poemas, crônicas e anúncios publicitários, que começaram de maneira tímida, mas que foram se avolumando com o suceder dos números.

Ao longo de seus números não se fizera menção a tiragens, porém Ferrara (1986, p.68) mensurara entre 1000 e 5000 o número de exemplares a cada edição. Apesar da grande variação esse número é extremamente significativo, haja vista o analfabetismo e o número diminuto da população negra dentro do universo demográfico paulistano, pois dos pouco mais de 1.060.000 de habitantes da cidade de São Paulo mensurados em 1934, Florestan Fernandes (1978, p.108) estimara em no mínimo 90 mil o número de negros e mulatos.

Talvez decodificada e socializada em leituras coletivas ou individuais, o certo que AVR conseguiu uma visibilidade importante dentro e fora da comunidade negra, a se atestar pelos recorrentes comentários de leitores publicados em suas páginas e mesmo na seção “Pela imprensa” em que se dava destaque à repercussão e comentários *d’A Voz da Raça* pela imprensa. Tal acolhida de seus leitores pode ser verificada pela carta publicada endereçada aos redatores, assinada por Olegário Matos:

Eu, assinante e admirador de “A Voz da Raça” não posso nem devo abaixar o meu justo entusiasmo distinguindo esse jornal com a orgulhosa prova de que a

raça, outrora espezinhada, hoje se eleva e distingue. É por isso que o órgão oficial da F.N.B. merece o aplauso e o voto de prosperidade que lhe faz sinceramente (AVR, ano I, n.3, 1933, p.3).

Felicitações corroboradas pelo leitor Henrique Martins:

Há muito tempo que eu como negro que sou, depois de labutar 6 dias e descansar aos domingos, vou procurar nas bancas, jornais para matar o tempo e ao mesmo tempo saber do que se passa na minha terra, e só encontrava jornais estrangeiros, etc. Sempre tive pesar por não ver uma folha da nossa raça. Agora, graças a Deus, estou satisfeito, porque vejo a venda nosso jornal 'A Voz da Raça' (AVR, ano I, n.10, 1933, p.2)

Tais manifestações deixam transparecer dois aspectos a distingui-la das demais folhas negras: os sistemas de venda e distribuição, possíveis graças a sua estabilidade material e institucional. Desde o seu primeiro número trouxera junto ao cabeçalho os valores de venda avulsa – do dia e atrasado, respectivamente \$200 e \$400 - e de assinaturas semestrais a 6\$000, e anuais a 12\$000. Valores bem inferiores às folhas comerciais de grande circulação. Porém, à medida que os intervalos de sua publicação iam aumentando, semanal no início, depois quinzenal e por fim mensal, os valores cobrados também acompanharam essas mudanças. Em 1937, sob periodicidade mensal, os valores cobrados eram de 3\$000 para a assinatura anual, \$300 para o número do dia e, para edições atrasadas, \$600.

O vencimento das assinaturas era lembrado pelo próprio jornal, a se verificar em “Aos Nossos Assinantes” (AVR, ano II, n.36, 1934, p.4):

De acordo com os avisos expedidos e publicados neste jornal, comunicamos que estamos procedendo á cobrança de assinaturas, o que faremos até dia 15 do corrente, data em que suspenderemos a remessa deste orgam aos assinantes em atraso.

As assinaturas (novas ou reformar) poderão ser pagas, nesta capital, na redação ou com o nosso cobrador e no interior e Estados com os nossos representantes.

Em caso de mudança de residencia pede-se avisar esta gerencia.

A Gerencia

“A Voz da Raça”
Reforma de Assinaturas

Comunicamos aos nossos distintos assinantes, para reformarem as suas assinaturas para o ano corrente.

Na capital com o nosso cobrador, snr. Ismail Amaral ou na gerencia a rua da Liberdade, 196 — sala 8.

No interior e nos Estados, com os nossos representantes autorizados.

A GERENCIA

Imagem 9: reforma de assinaturas

Sua comercialização, entretanto, não proporcionara independência financeira, haja vista as necessidades intermitentes da concessão de auxílio da FNB, porém o seu sentido de existir não se atrelava ao aspecto econômico, uma vez que o fato de estar disponível à “venda em todos os pontos de venda de jornais da capital”, a ombrear as diversas outras manifestações periódicas, como também o fato de ser distribuído diretamente ao assinante, despertara outros atributos de significação simbólica, tais como prestígio, confiabilidade e legitimidade política e cultural, alcançando-a a patamares de folhas e grupos de camadas sociais outras.

Sob o título de “Agradecimento”, seria elogiado publicamente os feitos comerciais de um de seus vendedores/divulgadores, possivelmente um militante fretenegrino, cujos “esforços” nutridos de “sua boa vontade” não eram remunerados.

A Redação da “A Voz da Raça”, agradece o esforçado sr. Antonio Benedito dos Santos, pelo feito, de sua boa vontade sobre a venda deste jornal, pois o referido senhor, colocou, em mãos de terceiros, nada menos de 200 exemplares da nossa última edição fazendo assim, do mesmo, uma ótima propaganda (AVR, n.3, 1933, p.2)

A penetração de AVR em outras cidades e estados, em muito estivera atrelada a existência de diversas delegações que faziam divulgação e remetiam notícias para serem publicadas, além de textos de leitores. Isso, de certo modo, criou canais de diálogo e representação, a solidificar laços de afinidade e solidariedade ao jornal. O que se constata com as inumeráveis notas, notícias e cartas, remetidas à AVR ao longo de sua existência. Essa dinâmica de relações e diálogo, se alargara para outros jornais como fica evidente em das passagens de “Pela Imprensa”:

Durante esta quinzena recebemos os seguintes [jornais] colegas aos quais agradecemos:

Gazeta de Uberaba.
 A Comarca – Mogi Mirim
 Cidade de Ourinhos
 Progresso – Faxina
 A Cidade – Monte Azul
 O Povo – Itu
 O Trabalho – Araraquara
 O Biriguiense – Birigui
 O Comércio – Avaré
 O Repórter – Sorocaba
 A Comarca – Matão
 O Jornal – Araçatuba
 Jornal Diocesano – Guaxupé
 A Cidade – Palmeiras
 A Federação – Itu
 O Idealista – Jundiaí
 A Folha – Jundiaí
 (AVR., n.40, 1934, p.2)

Ou, ainda, a transparecer em nota de cobrança de mensalidades atrasadas, publicada em diversos números, na qual se revela a existência de uma rede capilar importante da dilatação dos limites geográficos:

Avisamos aos nossos assinantes em atraso, conforme avisos anteriores que vamos suspender a remessa deste órgão. Outrossim cientificamos que os assinantes poderão retirar os seus recibos nesta redação, com o cobrador, e no interior e estados com os representantes.

Prática que dialogara com as estratégias de um periodismo crescente e alicerçado em sua mercantilização, produto cultural de consumo matizador de classes e refinamento, como das

revistas mais sólidas [que] anunciavam a existência de ‘agentes’ espalhados pelo estado ou pelo país, quando não pelo mundo, facilitando ao interessado a aquisição individual ou a tomada de assinatura (MARTINS, 2008, p.237).

Quando do aniversário de um ano de seu lançamento, sob o título de “Arquivo de honra”, AVR listara todos os jornais que houvera recebido naquele interregno, relacionando título à localização de sua sede. Os 45 títulos listados, estavam assim distribuídos: um do Rio Grande do Sul, um da Bahia, um de Mato Grosso, dois do Rio de Janeiro, quatro de Minas Gerais e 36 de São Paulo, sendo 5 da capital e 31 do interior do estado (AVR, n.33, 1934, p.3). Grande parte

dessas regiões estavam cobertas por delegações da FNB, o que, em parte, explica essa capilaridade.

Lista dos jornais e revistas recebidos pela A Voz da Raça durante a sua gestão que, hoje dia de seu primeiro aniversário, foram mais uma vez contemplados ornamentando o seu Arquivo de Honra:

Jornal Diocesano – Guaxupé – Minas
 Correio Sul Mineiro – Guaxupé – Minas
 Alvorada – Pelotas – R. G. Sul
 Frente Negra – S. Salvador – Baía
 A Nação – Rio de Janeiro
 O Jornal – Araçatuba
 O Sabiá – Ourinhos
 O Povo – Itu
 O Comercio – Avaré
 O Reporter – Sorocaba
 O Idealista – Jundiá
 O Patrocinio – Campinas
 O Progresso – Itatiba
 O Sindicalista - Capital
 O Municipio - Leme
 O Trabalho – Araraquara
 O Progresso – Faxina
 O Municipio – Piracicaba
 O Momento – Piracicaba
 O Estudante – Faxina
 O Astro – Capital
 A Comarca – Matão
 A Cidade – Brodósque
 A Plebe – Capital
 A Comarca – Mogi Mirim
 A Ordem – Itapolis
 A Gazeta de Jacutinga – Jacutinga – M. Gerais
 A Tarde – Laranjal
 A Comarca – Barretos
 Cidade de Itapira – Itapira
 Cidade de Pindorama – Pindorama
 Aurora – Rio de Janeiro
 Correio de Marília – Marília
 Correio Paroquial – Capivari
 Cultura – Capital
 Evolução – Capital
 Folha de Boituva – Boituva
 Gazeta de Uberaba – Uberaba
 Gazeta do Comercio – Mato Grosso
 Luz d Aparecida – Aparecida do Norte
 Mensario de Pirapora – Pirapora
 Tribuna do Povo – Araras
 Libelo do Povo – S. Sebastião do Paraizo

Biriguiense – Biriguí
A Folha - Jundiá

A proximidade dos editores de AVR com seus possíveis leitores, encetara também à aproximação do jornal, enquanto espaço da escrita, com manifestações textuais de seus próprios leitores, o que foi longamente estimulado e tornado público em diversas edições com a seguinte nota,

“Colaboradores”

precisando de organizar o seu corpo de colaboradores efetivos para esta folha, o seu redator pede dos que nela quiserem colaborar deverão fazer os seus trabalhos em tiras de papel, possivelmente almaço, escrita de um lado só, com letras bem legíveis, sendo à máquina melhor e na ortografia moderna. A linguagem deverá ser simples, bem como o escrito, gramaticamente, corrigido pelo autor.

Chamado de presença recorrente, estivera, contudo, ligado à periodicidade semanal, pois à medida que os intervalos entre as publicações foram se alongando, não mais seria encontrado em suas páginas. Ao contrário, em nota de aviso edição de 1934 anuncia que “por absoluta falta de espaço deixamos de publicar várias colaborações, o que faremos no próximo número” (AVR, n.44, 1934, p.4). Na edição seguinte (n.45, 1934, p.4) *A Voz da Raça* noticiara o contexto de dificuldades econômicas para as pequenas folhas, a fim de justificar a cobrança de 2\$000 anuais para salvaguardar sua existência e circulação, dos associados fretenegrinos, apesar de nem todos figurarem entre seus assinantes.

Apesar de seu papel de destaque no cerne da imprensa negra, AVR possuía um projeto gráfico simples, composto majoritariamente por textos, distribuídos em três colunas uniformes, trazia poucas imagens. A mais recorrente estivera em seu próprio cabeçalho, desde o segundo número, porém, a partir da edição de maio de 1936 não mais estaria presente, o que foi informado em tom de lamentação “Aos leitores”

Aos bondosos leitores, comunicamos que à última hora, sofremos um pequeno contratempo, o qual pelo imprevisto obrigamos a substituir o nosso habitual cabeçalho.

Substituindo já por este que agora sai, muito simples, queremos apenas não atrasar a publicação de nosso órgão, que desse modo aparece a seu público leitor com uma nova apresentação.

Outrossim, asseguramos que na nova fase de publicidade para o próximo apresentaremos em definitivo, o cabeçalho para “A VOZ DA RAÇA” e cuja confecção está á cargo de um brilhante artista.

Por haver-se quebrado o clichê – esse contratempo que sentimos – pedimos perdão pela falta involuntária, pela troca imediata do cabeçalho que é feita como dissemos à necessidade de fazer circular a nossa folha.

A Redação (AVR, ano III, n.53, 1936, p.1).

Porém, o cabeçalho provisório estamparia das primeiras páginas à extinção do jornal em 1937, e o produto do labor do “brilhante artista” nunca chegou aos prelos formatadores d’AVR.

As impressões d’*A Voz da Raça* estiveram a cargo de gráficas terceirizadas, contrastando com a maneira artesanal de impressão de muitos de seus congêneres, construídos à pena e à prensa de seus editores. Ferrara (1986) dissertara sobre a existência de contrato entre o jornal e as “Gráficas Mariano” para a sua confecção, porém em suas folhas não há uma única menção sobre sua existência. Contudo, a partir do n.43 (p.4), de 22/12/1934, é que seria divulgada o nome e o endereço da gráfica responsável por sua impressão, “Composto e Impresso na Tipografia PAULISTA – J. Bignardi & Cia. – R. Jandaia, 10 e 12 – S. Paulo”. Talvez, ocorrera uma mudança de impressor a partir daquela data, de todo modo transparecia um grau de profissionalismo e institucionalização incomuns dentro da imprensa negra.

Quanto aos informes e chamadas publicitárias, tivera a mesma dinâmica de seus antecessores: anúncios de produtos e serviços ofertados principalmente por seus leitores e colaboradores, em sua maioria integrantes da comunidade negra.

Exceção feita à publicização de “Guaramidina”, criação da moderna e emergente ciência médico-farmacêutica, cuja órbita mercantil extrapolara os círculos e limites da imprensa e comunidade negras. Comparativamente, seus contornos dera a antever esse quadro, haja vista ter sido o maior anuncio veiculado no jornal. Estreando na edição n.28, visitaria com grande assiduidade as seções de anúncios de AVR.



Imagem 10: Guaramidina, remédio de confiança

Tais delineamentos visuais traziam à tona valores e representações a permanecer de maneira latente na epiderme de amplas parcelas da comunidade negra, gestando de maneira sinérgica e pulsante a manutenção e/ou transformação de valores, condutas, imagens e representações de “si” e da “realidade” social na qual estavam imersas.

Denota-se em AVR um papel extremamente pedagógico, à medida que delinea identidades culturais, políticas e sociais, através de seus mais variados textos e imagens, alinhavados a proporcionar um conjunto de sensibilidades capazes de condicionar o sentimento de partilha de uma mesma história e destino.

Signatário desses valores sociais, mas ressignificados pelos embates político-identitários no bojo da sociedade paulistana, quiçá brasileira, os intelectuais manifestos em *A Voz da Raça*, se empenharam na empresa de angariar outros postos nas esferas social e política dos anos trinta para o grupo da comunidade negra.

É notório em suas folhas a percepção do papel marginal e desprestigiado dispensado à comunidade negra na ordem social paulistana, porém longe de se perfilarem a opositores da ordem vigente como comunistas, socialistas ou anarquistas no embate contra o *status quo* dominante, a intelectualidade de *A Voz da Raça* é levada, ao contrário, a militar via ordem vigente, reconhecendo e se adequando – via negociação – às regras estabelecidas, delineando-se

estratégias outras, longe das dicotomias político-ideológicas de então, num movimento pautado pelo conformismo simulado articulado às resistências nas fímbrias da dinâmica sócio-política.

Mais do que simples manifestação discursiva de uma minoria social, tal empresa pretendia dialogar com manifestações políticas e sociais de camadas sociais outras, agentes definidores dos esteios da nacionalidade e dos valores a serem objetivados, nos quais as heranças de origem afro eram preteridas e extirpadas no concerto da retórica nacional cunhada pelas elites dirigentes.

Grandes pela religião, grandes pelo patriotismo, grandes pela moralidade, grandes pela clareza de espírito, grandes sobretudo pelo grande amor ao Brasil, - legaram-nos os nossos Antepassados uma herança de integridade humana que honraria qualquer nação de mil anos de vida ornada de glórias as mais opulentas (AVR, n.7, 1933, p.4).

Nesse sentido, em suas 70 edições, raras foram as vezes em que o periódico não veiculava notas, artigos ou chamados, cujo plano argumentativo se espraiava para tempos pretéritos, a legitimar anseios e demandas quanto ao presente e futuro,

A argila brasilica, unida ao sangue escravo do Negro “caçado” nas florestas africanas, formou a argamassa robusta com que se fez o alicérce, com que se fizéram as fundações deste momento indestrutível e infracionável que se chama Brasil! (AVR, n.5, 1933, p.1).

A História, aqui entendida enquanto polissêmicas narrativas sobre fragmentos de tempos pretéritos, sistematizadas num sistema lógico e coerente, serviu aos escritores congregados em *A Voz da Raça*, de prova incontestada da importância e *missão* do negro na viabilização do Brasil enquanto nação. Para tanto, balizas temporais outras foram estabelecidas, a contrapor-se a paradigmas nos quais o negro figurava enquanto assessorio coadjuvante no processo de formação da Nação.

Tal estratégia não se escoimara de polemizar com outras narrativas, em ríspidos textos aventados com destaque no “layout” interno do periódico,

Episódios horrendos da escravatura no Brasil, Guerra do Paraguai, e outras tantas cousas que muita gente bonita, como por exemplo os pretensos sociólogos desconhecem, mesmo porque a história patria nada diz a respeito, ou quando assim não é adulteram tudo, como fizeram os seus historiadores com a gloriosa epopéia de Palmares na Serra da Barriga, que deveria constar em nossa história como uma das maiores glórias de um povo, que embora oprimidos,

deram ao mundo e muito especialmente ao Brasil, provas de seu valor moral e material; isso tudo, os homens do Brasil esconderam e continuam escondendo, com o fito unico de menosprezar o valor indiscutivel da raça que fez o Brasil (...) (AVR, n.13, 1933, p.4).

Personificados em figuras como Henrique Dias, Zumbi, Cruz e Sousa, Luiz Gama, José do Patrocínio e/ou em momentos como a invasão holandesa, o Quilombo de Palmares, a guerra do Paraguai, o processo abolicionista e o 13 de maio, emergiram enquanto esteios individuais e balizas temporais de uma outra história, sufocadas por narrativas advindas de outras camadas sociais e culturais.

A arrancada gloriosa de Palmares, tem sido desvirtuada, por grande parte dos nossos historiadores. Acusam êles os herois daquela epopéa gloriosa de ladrões, assassinos e outras coisas feias, esquecidos de que a Historia ou é imparcial ou não é historia, é tapeação [...] Para que injuriar-se tanto os homens de Palmares, na mesma pagina do livro em que se elogia escandalosamente o ambicioso aventureiro Domingos Jorge Velho? Porque aqueles erão negros e este era branco? (...) não ha nehum motivo para menosprezar tanto os Palmarinos ao mesmo tempo que se canta a glória dos bandeirantes, sabendo como é que estes praticaram muitas faltas na ansia de se enriquecer e escravizar os indigenas. (AVR, n.10, 1933, p.1).

O texto acima, intitulado “Em defesa de Palmares”, veiculado com destaque em primeira página, ao mesmo tempo em que reforça a identidade histórica do negro, enquanto herdeiro direto desses “heróis excomungados”, contesta e deslegitima o paradigma instituído sob o verniz do “branco”- bandeirante. À aura heróica e civilizacional do bandeirante sobrepôs-se a de ambicioso e criminoso.

Embrenhados na consolidação da Nação, os escritores d’*A Voz da Raça* esforçaram-se em aventar um nacionalismo outro, pautado na tríade luso-negro-indígena, sob outra hierarquia, ainda que a referendar o primitivismo do nativo, mas a equiparar e protagonizar o papel do negro frente ao branco europeu (luso) na empresa da nação. Essa valoração histórica compusera um mosaico no qual a afirmação do negro se conecta ao mister da “união da raça” para seu “levantamento moral, social, cultural, e intelectual” pois dele dependia o resgate da “verdadeira nação”.

Modelo, contudo, ameaçado frente ao influxo massivo de imigrantes desde fins do XIX na ube paulistana, de modo que o imigrante fora o inimigo a ser combatido nas tintas do

periódico negro. Ameaçador da integridade nacional, culpado pelas instabilidades hodiernas, o estrangeiro transforma-se no *outro* a ser combatido.

Tais narrativas históricas disponibilizavam uma outra semântica sócio-temporal, cunhada à revelia dos paradigmas instituídos, realçando em cores vívidas um protagonismo submerso nas construções da história oficial e sedimentada na memória nacional, cujo influxo adventício era entendido e sentido como ameaçador não só ao passado como ao futuro do negro e da nação.

A esse respeito, em edição de dezembro de 1933 *A Voz da Raça* trazia estampada em sua primeira página veemente nota contestatória: *a Frente Negra Brasileira protesta contra a invasão de imigrantes que vem agravar ainda mais a situação dos nacionais*”, endereçada ao presidente Getúlio Vargas prosseguia, “*o Grande Conselho da FNB [responsável pelo ‘A Voz da Raça’] representando milhares de patrícios, protesta perante V. Excia. contra a contínua entrada de imigrantes estrangeiros (sic), quando se faz para melhorar a situação de infimidade (sic) de negros brasileiros*”.

Talvez, àquela altura, a propalada “invasão” tivesse mais a ver com contingentes já imigrados e estabelecidos desde os primeiros decênios do século XX no país, do que ainda com o trânsito massivo de novos imigrantes. Isso, haja vista a diminuição do fluxo imigratório, determinada pelo novo contexto internacional e pela política nacionalista de Vargas.

De todo modo, o imigrante fora o inimigo a ser combatido nas tintas do periódico negro. Ameaçador da integridade nacional, culpado pelas instabilidades hodiernas, o estrangeiro, no exercício de alteridade, fora o elemento potencializador da união dos patrícios negros no afloramento pleno da nacionalidade brasileira “pura”, fruto da miscigenação do europeu (português), do silvícola (primeiro habitante do “Brasil”) e do negro (catalisador do espírito nacional):

Não queremos saber de ariano. QUEREMOS O BRASILEIRO NEGRO E MESTIÇO que nunca traiu nem trairá a Nação. Nós somos contra a importação de sangue estrangeiro que vem somente atrapalhar a vida do Brasil, a unidade da nossa Pátria, da nossa raça e da nossa Língua. (AVR, n, 20, 1933).

De modo que tudo que o não nacional, dos tipos sociais às ideologias, era encarado como elemento de degeneração e intranquilidade da nação, além de usurpadores dos direitos negros, frente ao seu papel histórico. Assim, liberalismo, comunismo, socialismo, anarquismo eram representadas como ideologias inimigas da nação,

E a nação somos nós [os negros], com todos os outros patrícios que, conosco, em quatrocentos anos, criaram o Brasil. Não podemos, pois, permitir que impunemente uma geração atual, que é um simples momento na vida eterna da Nação, traia a Pátria, quer atirando-se nos erros materialistas do separatismo” (AVR, n.1, 1933).

Para superar tais riscos e ameaças à nacionalidade, os negros letrados envolvidos com a escritura do jornal advogavam e elogiavam a incisiva incursão autoritária do governo Vargas. Representado como líder e defensor dos interesses da pátria e de sua “gente mestiça”, Vargas era alçado ao panteão dos heróis nacionais, símbolo da defesa da unicidade da nação.

Tais encenações eram retro-alimentadas pela postura ambivalente e congregacionista do varguismo, orquestrada no diapasão da política de massas e da reafirmação do líder, paladino da nação. A tal ponto que 1930 é encarado enquanto momento refundador da nação, ao usurpar o Brasil “*das garras dos inimigos da pátria*”, representados pelo liberalismo encenado pelas elites agrárias de outrora; pois a república se revelara vazia do povo, sendo o contingente negro dos mais desprestigiados simbólica e socialmente na aurora republicana.

Longe de ser um mero receptáculo ou objeto dos discursos e práticas sociais engendradas por grupos outros, a intelectualidade negra, distante da erudição e prestígio de seus congêneres cooptados pelo aparato estatal, mas embrenhados enquanto integrante e representante de sua coletividade, negou o passado pronto ofertado por outras narrativas históricas ressignificando tempos pretéritos perante o presente e o futuro, com vistas a uma integração da coletividade negra – integrante e protagonista – em prol da nação.

Mais do que simples manifestação discursiva de uma minoria racial, tal empresa pretendia dialogar com manifestações políticas e culturais de camadas sociais outras, agentes definidores dos esteios da nacionalidade e dos valores a serem objetivados, nos quais as heranças de origem afro eram preteridas e extirpadas no concerto da retórica nacional cunhada pelas elites dirigentes¹. Nesse sentido, *A Voz da Raça* ao longo de sua existência se esforçara em divulgar e arregimentar a coletividade negra em prol de um projeto de inclusão que perpassara questões como a valorização étnica, e de um nacionalismo pautado na valoração de uma história e memória sob a ótica do protagonismo negro, pois

a nação somos nós [os negros], com todos os outros patrícios [lusos e indígenas] que, conosco, em quatrocentos anos, criaram o Brasil. Não podemos, pois, permitir que impunemente uma geração atual [de imigrantes], que é um simples momento na vida eterna da Nação, traia a Pátria (...) (AVR; n.1, 1933, p.1).

Tal narrativa histórica disponibilizava uma outra cartografia de mundo, cunhada à revelia dos paradigmas instituídos desde a segunda metade do XIX, porém ainda a embrenhar o universo imagético da tessitura social na qual imperava ora a invisibilidade, ora a desqualificação social e cultural dos negros na nação em formaçãoⁱⁱ.

A História, aqui entendida enquanto polissêmicas narrativas sobre fragmentos de tempos pretéritos, sistematizadas num sistema lógico e coerente, serviu aos escritores congregados em *A Voz da Raça*, de prova incontestada da importância e *missão* do negro na viabilização do Brasil enquanto nação. Para tanto, balizas temporais outras foram estabelecidas, a contrapor-se a paradigmas nos quais o negro figurava enquanto assessorio coadjuvante no processo de formação da Nação.

Tal estratégia não se escoimara de polemizar com outras narrativas, em ríspidos textos aventados com destaque no “layout” interno do periódico,

episodios horrendos da escravatura no Brasil, Guerra do Paraguai, e outras tantas cousas que muita gente bonita, como por exemplo os pretensos sociologos desconhecem, mesmo porque a historia patria nada diz a respeito, ou quando assim não é adulteram tudo, como fizeram os seus historiadores com a gloriosa epopéa de Palmares na Serra da Barriga, que deveria constar em nossa historia como uma das maiores glorias de um povo, que embora oprimidos, deram ao mundo e muito especialmente ao Brasil, provas de seu valor moral e material; isso tudo, os homens do Brasil esconderam e continuam escondendo, com o fito unico de menosprezar o valor indiscutivel da raça que fez o Brasil (...) (AVR, n.13, 1933, p.4).

Henrique Dias, Zumbi, Cruz e Sousa, Luiz Gama, José do Patrocínio e/ou em momentos como a invasão holandesa, o Quilombo de Palmares, a guerra do Paraguai, o processo abolicionista e o 13 de maio, emergiram enquanto esteios individuais e balizas temporais de uma outra história, sufocadas por narrativas advindas de outras camadas sociais e culturais.

Modelo, contudo, ameaçado frente ao influxo massivo de imigrantes desde fins do XIX na ube paulistana, de modo que o imigrante fora o inimigo a ser combatido nas tintas do periódico negro. Ameaçador da integridade nacional, culpado pelas instabilidades hodiernas, o estrangeiro transforma-se no *outro* a ser combatido, como em veemente manchete contestatória:

Não queremos saber de ariano. QUEREMOS O BRASILEIRO NEGRO E MESTIÇO que nunca traiu nem trairá a Nação. Nós somos contra a importação de sangue estrangeiro que vem somente atrapalhar a vida do Brasil, a unidade

da nossa Pátria, da nossa raça e da nossa Língua (AVR, n.27,1933, p.1; grifos no original).

Orquestrados sob o mesmo diapasão, muitos foram os escritos em que a imigração fora veementemente condenada, seja pelas alterações simbólica e imagética na “brasilidade”, seja no aprofundamento do alijamento dos ascendentes afro no mundo do trabalho. Em “Fala de negro velho”, poema de Arlindo Veiga dos Santos – um dos dirigentes d’*A Voz da Raça* – nota-se uma outra estratégia discursiva, permeada por uma linguagem metafórica, mas não menos incisiva, em que a temática dos percalços da comunidade negra com relação à concorrência adventícia (*gente de longe*), o desprestígio social (negro *não tem nome*), a marginalização econômica (*sem serviço*), a exaltação da memória da participação negra em momentos entendidos como cruciais para a nação brasileira (*tanto sangue derramei no Paraguai*), e o desfecho com o sentimento de injustiçado e credor da história se fazem presentes,

Sabem quem sou? Negro-velho!

Negro-velho não tem nome.

Antigamente fui tudo...

Agora! O Negro nem come!

[...]

Quando hoje eu passo na rua,

Ninguém me conhece mais;

Veio outra gente de longe

Que hoje são os maiorais.

Apanhei muito em meu tempo,

Mas apanhei de patricio;

Hoje, patricio e estrangeiro

De me xingar têm o vício.

[...]

Negro-velho sem serviço

Vive “cavando” ano inteiro.

Todos dizem: Não há mais

Serviço pra Brasileiro!

Pra isso que tanto sangue

derramei no Paraguai!

E quanto negro morreu

sem soluçar nem um ai!

[...]

Sabem quem sou? – Negro-velho!

Negro-velho não tem nome.

Fiz tudo pelo Brasil.

Agora? – Morro de fome.

(AVR, n.45, 1935, p. 1)

Em outros artigos, a leitura do passado alimentaria os anseios do presente, legitimando demandas, cujo lastro estaria na história.

Se há injustiça a reparar, esta é uma das principais, que a alma do negro sepultada há 400 anos ainda reclama em prol de seus desventurados filhos que hoje vivem desamparados por todos os recantos deste vastíssimo território que eles abnegadamente cultivaram até 88, deixando seu sangue e a vida gravados na gandeza deste vasto Brasil,, que os maus brasileiros enebriados pelo ouro, tentam desnacionalizar (AVR, n.15, 1933, p.1).

Tabela 3: caracterização da imprensa negra paulistana

	Subtítulo	Período	Formato (cm)	Páginas
Menelick.	Órgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor	1915 a 1916	32x23	4
<i>Rua</i>	Literário, crítico e humorístico	1916	38x27	4
<i>O Xauter</i>	Jornal Independente	1916	37x27	4
<i>O Alfinete</i>	Órgão literário, crítico e recreativo dedicado aos homens de cor	1918 a 1921	33x24 27x24 27x18	4
<i>O Bandeirante</i>	Órgão de combate em prol do reerguimento geral da classe dos homens de cor	1918 a 1919	33x24	4
<i>A Liberdade</i>	Órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso	1919 a 1920	33x24	4 6
<i>A Sentinela</i>	Órgão crítico, literário e noticioso	1920	32x22	4
<i>O Kosmos</i>	Órgão oficial do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos	1922 a 1925	28x18 38x28	4
<i>O Clarim da Alvorada</i>	Órgão literário, noticioso e humorístico	1924 a 1932, 1940	*	4 6 10 18
<i>Elite</i>	Órgão oficial do Grêmio Dramático, Recreativo e Literário “Elite da Liberdade”	1923 – 1924	37x27	4
<i>Auriverde</i>	Literário, humorístico, noticioso – semanário independente	1927 a 1928	33x24	4
<i>Progresso</i>	-	1928 a 1932	33x25	4 6 8
<i>Chibata</i>	Nós somos Judas da raça, quem serão os Cristos? Quando este jornal circula, sente-se cheiro de defunto	1932	33x24	4
<i>O Estímulo</i>	Semanário independente literário e noticioso	1935	33x21	4
<i>A Voz da Raça</i>	Órgão da ‘Frente Negra Brasileira’ – Mensário Independente	1933 a 1937	48x33	4 6

Fonte: Ferrara, 1986, p.235-260.

* Ao longo de sua existência variou de dimensão 15 vezes, apresentando formatos entre 24X16 e 56X38cm.

III – Artífices das palavras, construtores de mundo: a intelectualidade negra

Alguns autores procuraram diferenciar esse grupo nuclear envolvidos com as lides político-culturais na imprensa do restante da população negra, pois comporiam uma elite, ou classe média negra em contraste com a plebe (DOMINGUES, 2004). No entanto, longe da idéia de distinção econômica, entendemos esse grupo específico enquanto uma *elite cultural*, composta por intelectuais intrinsecamente ligados ao restante da comunidade negra. Nesse sentido, conforme salienta Sirinelli (19, 264):

As elites culturais (...) não existem como entidades autônomas, em posição de extraterritorialidade. Estão, pelo contrário, ligadas à sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade.

A essa elite cultural, que doravante trataremos por intelectuais, destoa da semântica que a palavra “intelectual” invocara por largo período de tempo: “sábios, doutos, *philosophes*, literatos, *gens de lettre*, ou mais simplesmente escritores, e, nas sociedades dominadas por um forte poder religioso, sacerdotes, clérigos” (BOBBIO; 1997, 11). Deste modo, parece-nos oportuno, levando em conta as especificidades do meio e do contexto em que esses intelectuais negros se constituem e emergem na sociedade das primeiras décadas do século XX em São Paulo, o diálogo com o conceito de *intelectual orgânico*, cunhado por Gramsci: aquele cuja atividade do pensamento está colado ao movimento orgânico de uma classe social seja dominante ou dominada.

Cada grupo social (...) cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político. (GRAMSCI; 1968, 3)

Nesse sentido, o jornal *A Voz da Raça*, entre 1933 e 1937, se constituía em um pólo de aglutinação desses intelectuais, cuja principal meta permearia a valorização do elemento negro, a defesa de direitos e o esforço por ocupar outras plagas na arena social. Para isso, a cultura letrada, amplificada exponencialmente pelos prelos, se constituiria em instrumento cabal no estabelecimento de diálogos, na construção de representações de si e da sociedade da qual estavam inseridos e ávidos a intervir.

Chamando a atenção para as revistas francesas, discorrera Sirinelli (1996; 249):

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão (...) e de exclusão (...). Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano de sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão.

Disputas,, debates, afinidades e desafetos, que de maneira latente pontuaram a construção do jornal enquanto espaço de sociabilidade, a concatenar, sob a guarida da palavra impressa, anseios de intervenção e análise de sua contemporaneidade. Nessa perspectiva, a *história dos intelectuais* apresenta um entrecruzamento entre o cultural e o político, não enquanto pólos distintos, mas como elementos indissociáveis e intercambiáveis de uma mesma realidade social.

Postulantes a representantes de uma camada da população extremamente preterida à dinâmica social e econômica, esses intelectuais tiveram de construir, via debate e embate, um ambiente social específico dentro do universo social paulistano, respondendo às manifestações político-sociais de outros grupos amalgamados por solidariedades étnicas, sociais ou político-ideológicas, como no caso dos imigrantes europeus e do movimento operário.

Sobre essa intelectualidade da imprensa negra Pinto (1993, p.63) destacou a circularidade e o trânsito como constantes, porém ela quantifica entre 15 e 16 o número de pessoas nucleares desses periódicos entre 1907 e 1937.

Em *A Voz da Raça*, ao se percorrer as 63 edições encontradas, contabilizou-se textos, artigos, poemas de mais de uma centena autores diferentes, entre os quais alguns pseudônimos. Número, deveras expressivo da dinâmica envolta à construção do jornal.

Com participações variadas, de diferentes pontos do estado e do país, esses autores encontraram em AVR guarida às suas idéias e leituras de mundo, materializadas na palavra impressa, destina a circular de variadas maneiras para além da comunidade negra.

De diferentes envergaduras intelectuais, em posições de destaque ou anônimos, esses personagens deixaram sua marca de forma a garantir à folha fretenegrina uma espaço privilegiado das representações postadas

Tabela 4: autores de AVR (1933-1937)		
<i>Nome</i>	<i>Textos publicados</i>	<i>Dados biográficos</i>
A. A. Oliveira	1	
Abel B. de Freitas	2	Redator de <i>A Promissão</i>
Adalberto Pires de Freitas	5	
Aberto Faria	1	
Alves	1	
Arlindo A. Soares	2	
Arlindo Veiga dos Santos	45	professor
Aristides Assis Negreiros	2	Contador
Ascanio de Saxa	2	
Bento de Souza	1	
C. Silva	1	
Cantidio Alves	9	
Castelo Alves	12	Presidente da delegação negra em Sorocaba
Celina Veiga	1	
Cesário J. de Freitas	4	
Colo Barbosa	1	
Davi Rodolfo de Castro	4	Poeta e pintor de paredes
Deocleciano Nascimento	14	
Dutra Ferreira	1	
Emilio de Paula Batista	3	
Fra Bruno	3	
Francisco Lucreio	2	Bacharel pela Faculdade de Odontologia de São Paulo em 1938, foi secretário-geral da FNB em substituição a Isaltino V. dos Santos
Horacio da Cunha	8	
Isaltino Veiga dos Santos	9	
Ismail Amaral	3	
J. Amaral	1	
J. H. Selvatino de Campos	4	Pequeno comerciante
J.M.B.	1	
J. S. Camargo	1	
Jaime Aguiar	3	Um dos fundadores de <i>O Clarim da Alvorada</i>
Jersen de Paula Barbosa	6	
Jim de Araguay	10	
João B. Mariano	5	
João Batista Galvão	1	
João Candido dos Santos	4	
João de Souza	1	
João do Campo	1	
João Eugenio da Costa	1	
João Maria de Camargo	1	
João Moura Campos	1	

Joaquim Pedro Kiel	2	
José Bueno Feliciano	15	
José de Nazareth	1	
Juberto	2	
Laurindo de Brito	1	
Lili	1	
Lino Guedes	1	Nascido em Socorro, em 1897, era filho de ex-escravizados. Trabalhou como jornalista nos jornais: <i>do Comércio, O Combate, A Razão, Correio de Campinas, Correio Paulistano e Diário de São Paulo</i> , além de ser um dos fundadores de <i>Getulino</i> .
Manoel Ambrosio	1	
Manoel Buarque	1	
Maria Aparecida dos Santos	1	
Maria de Lourdes Rosário	6	
Mario Campos	1	
Mario Silva Jor	1	
Marins D'Alvares	1	
Noemia de Campos	1	Costureira
Olavo Xavier	2	
Olimpio Moreira da Silva	15	
Oswaldo Orico	1	
Paulo Forte	1	
Pedro Nunes	1	
Pedro Rodrigues	5	
Pedro Paulo Barbosa	8	
Peixoto	1	
Perola de Castro	2	
R.	1	
R. A. Santos	1	
Raul Joviano do Amaral	8	Nascido em Campinas em 1914, formou-se bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil em 1937.
Ribeiro	1	
Roque Antonio dos Santos	3	
S. Joe	1	
Salles Bloch	1	
Sebastião José Soter	1	
Silvia de Oliveira	1	
Silvério de Lima	9	
V. L. Pereira Duarte	1	
V. Paula	5	
Victor Aurélio	1	
Viriato Corrêa	2	
Wenceslau Brandão	1	

Wilson	4	
Beija-Flor	2	
Creoulo LEUGIM	1	
Dario	1	
Duque	4	
Irmão Branco	1	
Jacobus	1	
Kadengo	1	
Jovial	1	
Loluar	8	
Menelik	10	
Niger	6	
Nigner	1	
Nize	1	
Rajah	1	
Rajovia	6	Pseudônimo de Raul Joviano do Amaral
Salti	6	
Tide	2	

Essa horizontalidade na relação do impresso com seus leitores e escritores, traz como implicação ao pesquisador a dificuldade em se estabelecer possíveis linhas biográficas, uma vez que saídos da autoria de seus textos, suas trajetórias se esvaem no anonimato. Principalmente, com os escritores que publicaram apenas pontualmente seus textos, que formam a maior parte desses autores.

Nesse sentido, *Quem é quem na negritude brasileira*, obra organizada por Eduardo de Oliveira (1998), com retalhos biográficos de variadas personalidades do meio negro, fornece alguns dados complementares sobre a trajetória biográfica de alguns desses escritores.

Arlindo Veiga dos Santos, um dos fundadores e primeiro presidente da Frente Negra Brasileira, foi dos intelectuais mais assíduos de AVR. Polêmico, contundente com as palavras e enfático em suas ações, é dos mais destacados líderes negros naquele contexto.

Natural da cidade de Itu, tivera uma experiência escolar incomum aos negros de então: cursos primário e ginásial em sua cidade natal até 1919, quando a partir daí se muda para a capital paulista e ingressa na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, onde, em 1925, se diplomaria em Filosofia e Letras.

Sua trajetória escolar e universitária em instituições católicas conjugada ao apreço pela leitura o fariam participar em vários periódicos, tais como *Pátria Nova*, *O Bibliófilo*,

Mensageiros da Paz e O Século. Porém, a partir de 1928 se torna umas principais referências no *Centro Monarquista de Cultura Política Pátria Nova* e dos ideais patrianovistas, cujo esteio estava o “princípio de que a instauração do III Império seria a salvação para todos os problemas do Brasil” (DOMINGUES, 2005, p.256).

Ancorado em valores e fundamentos católicos, defendia a espiritualidade cristã e os valores da família como condições inexoráveis para a construção de uma nação plena, orgânica e imperial, pois considerava a república catastrófica para o negro e para a nação de modo geral.

Seus textos publicados em *A Voz da Raça* trazem essa problemática, diluída as especificidades e desafios da comunidade negra, como a concorrência adventícia, o preconceito e a defesa contumaz de um nacionalismo exacerbado. Em um longo artigo de 1933 sob o título de “Irmãos Negros”, Arlindo Veiga dos Santos faz uma ampla defesa da nacionalidade e da união do negro sob a batuta da FNB

Negros Frentenegrinos!

Não vos sujeiteis novamente a ser capachos de ambiciosos ou capangas braçais ou intelectuais, pois já sofrestes demais com as explorações partidárias do que somente desejam a vossa força (como nos ominosos tempos da Republica Velha) para as horas amargas o vos afastaram sempre nas horas de alegria e da vitória. Não permitirá mais tal infamia, a legião pequenina porém, destemorosa dos que atualmente dirigem a FRENTE NEGRA BRASILEIRA, trabalhando sem vaidade, sem fitos interesseiros, sem paga outra que não seja a vossa felicidade que é a felicidade de todos nós, membros pobres mas gloriosos da gloriosa Gente Negra Brasileira, honra do nosso Brasil.

Negros Patrícios!

Não vós submetais aos que vos querem vender qual mercadoria facil e indefesa.

Somos hoje, graças a Deus, Independentes e livres dentro da nova ordem de coisas estabelecida pele Revolução de Outubro.

Quando démos apois à Ditadura, e ao Exercito Nacional na pessoa do Sr. General Góes Monteiro, não foi, não, para sermos de novo escravos como desejam alguns que nos querem coaretar a liberdade, que nos querem vender aos interêsses particulares; foi porque vimos que a Nação estava ameaçada pela voracidade dos partidaristas ambiciosos, dos separatistas e bairristas e tambem dos internacionalistas, inimigos da Unidade da Patria que é um suma parte obra dos Nossos Avós Africanos e Bugres, inimigos êsses que acodem pelo nome nefando e criminoso de comunistas, quasi todos estrangeiros, cujo jogo altiva e violentamente repelimos, quer se escondera sob o manto de “salvadores dos operários cosmopolitas, quer se esgarcem sob o título suspeito de amigos de lutas... de classes.

Os negros que se arregimentam debaixo da bandeira da F.N.B. não estão com ninguém se nos quiserem explorar! Não! Os Frentenegrinos verdadeiros estão com o Brasil, e só por êle quer aliança que ha de haver de nós com os outros nossos Patrícios.

Tudo quanto se diga contra nos é mero pretexto para nos impugnar esta atitude que nem todos têm a coragem de tomar. Investe-se, calunie-se, aumente-se, calunie-se, aumente-se com telescópio infame a leveza dos nossos pesados (se é que os temos). Intrigue-se, mas nunca se esqueça de acrescentar as verdadeiras razões por que essas invenções, essas calúnias, essas intrigas se assoalham!

Negros de S. Paulo! Negros do Brasil!

Vós que trabalhais connosco e que estais todos os dias em nossa séde central e seguis passo a passo o nosso incansavel labor, alerta contra os patricios indignos e despeitados e que vivem apregoando prestígio em vosso nome quando nem convivem connosco, nem sabem as dôres que me contaís, que nos contaís todos os dias. *Vinde ver de perto a nossa obra se a desconheceis.* E, se a não ignorais, fazei justiça aos justos e aos injustos.

Em tom de discurso, o texto conjuga elementos basilares de seus ideais e posicionamentos políticos, do enfático apoio à Getúlio Vargas à aversão estrangeira, comunista e ameaçadora da verdadeira nacionalidade (bugres, negros e brancos). E para tais ameaças a FNB se constituiria em bastião dos interesses do negro e da nação. Essa linha argumentativa acompanharia seu textos e poemas, em variadas tonalidades discursivas. Contudo, com sua saída da presidência da *Frente Negra Brasileira* em 1934, há uma diminuição de seus textos em AVR.

Seu irmão, Isaltino Veiga dos Santos, também publicara no periódico fretenegrino, contudo sem a regularidade e desenvoltura de Arlindo. Secretário – Geral da FNB até 1932, trabalhara como despachante. Em “Papagaios negros”, retoma defesa perante as querelas que levaram à dissidência do grupo de O Clarim da Alvorada, principalmente José Correia Leite, seu desafeto de primeira ordem.

(...) Precisamos nós Brasileiros, e em particular os Brasileiros Negros, sair do regimen de papagaios e alto-falantes de bobagens. Especialmente de bobagens contratadas por quem tenha interêsse em atrapalhar a nossa vida. (...) Deixar falarem os papagaios negros, que muito falam, não sabem o que falam, e nada produzem de positivo. Porque a confusão não é ação, não é predação: é caos, é destruição, é serviço do inimigo que não podendo lutar franca e abertamente, aluga o “serviço” (é a expressão) dum cabra qualquer, tal como fazem lá no sertão os malandros importantes mas covardes (AVR, n.13, 1933).

De certo modo, até a saída dos irmãos Veiga dos Santos do comando da FNB houve um certo predomínio dos textos mais diretos de militância, o que de certo modo refletia a “linha editorial” do periódico fretenegrino. No entanto, com o passar do tempo assiste-se a uma

perceptível diversidade textual e temática no impresso, o que dera vazão a que um grande número de escritores diletantes, publicassem seus textos.

Escritores de poucos textos, mas estimulados a se enveredar pelas letras, revelando uma dimensão outra de exposição e criação de sentidos da coisa vivida, sentida ou imaginada, orquestradas pelos mais diversos interesses e significados, revelados sob a guarida do impresso.

Significativa, nesse sentido, a participação de Davi Rodolfo de Castro, diletante poeta que ganhava a vida como pintor de paredes, que teve alguns de seus textos publicados.

SAUDADES!

(A' minha mulher)

Pensando no que foi e ficou sendo!
Vendo-a continuamente sem ser vista...
Meus olhos d'alma vão-se esmorecendo:
Grande batalhador sem ter conquista.

Pensando no que foi e ficou sendo.
Vejo-a sempre, sem descobrir a pista.
Flores que adoro, vão-se emurhecendo.
Morro feliz... Porém a parca disto...

De mim; - infausto e misero pressinto.
Nas caladas da noite, amo o infinito...
Dentro do atroz martírio que vou tendo!

Perdi todo o prazer de minha vida!
Perdi a juventude áurea e florida...
Pensando, no que foi, e ficou sendo!...
(AVR, n.3, 1933, p.2)

Das frustrações amorosas, às efemérides da abolição, Castro fizera da poesia sua linguagem para externar suas idéias e aspirações.

Imprevisto, porem muito esperado,
Chegou o dia treze; - mez de Maio!
Atonito fiquei, não assombrado...
O negro mais retinto ficou [ilegível].

Investigando o' caso, suspeitado
Achei a solução... tive um desanato;
Roguei ao Ser dos seres Deus louvado!
Liberto? – agradecido quasi caio...

Num fremito de jubilu fagueiro.
Saracoteava as negras no terreiro,
No crébro, menear do santo jongo!

Em cisma, vem-me a casa de tabique;
De Angóla, Zanguebar e Moçambique...
Também da minha terra: - eu sou do Congo!...
(AVR, n.9, p.3, 1933)

De um llirismo bastante afinado, Lino Guedes, experiente jornalista, publicaria o poema Banzo, cuja densidade histórica se funde à lapidar construção semântica, a conjugar os infortúnios do passado aos desdobramentos desalentadores do presente.

Banzo... Banzo era a tristeza
Da africana região
Bailando como uma névoa
Da negreira embarcação...
Banzo era a mágoa que ia
A suspirar no porão...

Banzo... banzo era a desdita
Mar afora a velejar
Ia em cima o céu sereno,
Em baixo o verde mar...
Banzo era o negro que ia
Acorrentado a chorar...
Banzo... Banzo era a amargura
De toda a África, a gemer
Era o lamento da raça
Que ia ali dentro a sofrer...
Banzo era o canto do cisne,
Do cisne negro a morrer...

Banzo era a negra saudade,
Toda vestida de dó,
Que a negros ferros fungida
Ia gemer, triste e só...
Banzo... Banzo era a saudade
Negra e imensa como o pó...

Banzo era a alma que ia
Com os escravos, para além,
Era o coração de um povo...
Banzo era a vida... Porém,
Ante a angustia de seus filhos,
Banzo era a morte também!

Banzo! Banzo! És o destino
 Da minha raça infeliz!
 És o roteiro inditoso
 De um povo que Deus não quis
 És a minha recompensa
 De tudo aquilo que eu fiz!

Banzo! Banzo! Deixa a terra
 Do eito e da ingratidão!
 [danificado] vê domínio da raça
 que ainda não teve o perdão!
 Mas, Banzo, Banzo, tu ficas
 Vivendo no meu coração
 (AVR, n.39, 1934, p.2)

Os textos redigidos por mulheres foram raros, apesar da grande e intensa participação feminina no meio negro. Noemia de Campos, costureira formada nos cursos da FNB, publicou “As futuristas”(AVR, n.29,1934, p.4), texto em que censura os modismos contemporâneos, possíveis ameaças a recates e a dignidade feminina o que poderia expor ainda mais as mulheres “de cor”.

Ha tempos uma revista desta paulicéa noticiara que as moças para tornarem-se mais chiques, precisariam usar sapatos sem meias; porem houve muitos protestos, das moças escrupulosas, contra essa ridicula moda, para que ela não fosse avante, mas mesmo assim, não sei porque algumas de nossas patricias aparecem pelas ruas do centro com sapatos sem meias, pensando, talvez que estão acompanhando a moda.

Minhas irmãs de côr. Observando como somos, nessas ocasiões, alvejados pelas criticas que aliás, achoa-as, simplesmente, justas, em relação a esse pedantismo, força-me a assinalar aqui os meus protestos contra essa moda indecente.

Sejamos imitadoras de tudo quanto é bom e belo, mas das cousas que não afete a nossa dignidade.

O protagonismo envolto às lides intelectuais, centrado na capacidade de escrita e leitura foi um ponto bastante sensível dentro da comunidade negra, pelo alto nível de analfabetismo, por torna-se pré-requisito aos desafios do mundo do trabalho e da participação social e política na sociedade. Tanto assim, que muitos foram os esforços depreendidos a amenizar a carência da cultura letrada, recebendo a atenção de numerosos artigos.

Negros, negros, ides para a escola, aprender, aperfeiçoar no manejo das letras alfabéticas para que possais, amanhã, tirar o melhor partido delas, para gloria do Brasil e de vossa raça oprimida, hoje, pelo preconceito de cor que os brancos dizem não existir no Brasil e entanto conservam as suas tradições, jogando o negro no ultimo plano do convívio social, sem lhe oferecer terreno nessa escalada cívica do mundo atual.

Eles não vos oferece terreno, mas como tendes direito de agir, em face da liberdade das leis do país, a vos pertence a ação para o nosso bem e a do nosso próximo (AVR, n34, 1934, p.4).

Se por um lado a oferta e a possibilidade de escolarização da comunidade negra eram rarefeitas por deficiência do aparato estatal de educação, por outro havia desde o surgimento das primeiras agremiações negras as escolas voltadas à alfabetização de crianças e adultos. Na FNB havia um departamento de instrução responsável pela organização dos cursos de alfabetização de adultos e de uma escola primária. Havia um certo consenso entre os intelectuais negros de que a alfabetizar contribuiria para sanar uma das causas do flagelo social e econômico de grande parte do contingente negro.

“A vitória do negro está no livro”, texto de João B. Mariano (AVR, n.13, 1933, p.4), demonstra o grau de importância atribuída à cultura letrada. Fazendo referência a figuras ilustres pelo grande capital intelectual ao longo da história brasileira e, principalmente, personalidades de certo inspiradoras à intelectualidade que julgou ser o domínio e socialização da palavra lida e escrita áríete a transpor as seculares barreiras erguidas a alijar o negro.

Os irmãos da raça de S. Paulo, que façam parte, quer não, da corporação da Frente Negra Brasileira, que a rege, atingiria a altura que lhe está reservada se enveredaste com mais ardor no caminho Sacrossanto do livro.

Para a vitória final da raça negra no Brasil, duas coisas são indispensáveis: O LIVRO e a UNIÃO.

Com isto, não queremos manter no espírito do negro a ideia de se tornar literatos, como Machado de Assis, na literatura; Campos Salles, na política, e outros tantos, distintos e saudosos patrícios, brancos, negros e mestiços, que honram sobremodo os filhos desta grande terra de Santa Cruz.

Queremos apenas cerrar fileiras no desenvolvimento moral e intelectual da grande raça negra.

Não ha quem não saiba de sobe o que da família negra, desde os tempos primordiais até os nossos dias têm saído homens de valor incontestável, tanto no campo espiritual das letras, como na arena gloriosa da política. Mas, no entretanto, para chegarmos ao fim de que vimos [ilegível] tratando, é necessário que desfolhemos boas bibliotecas, [ilegível] cursos de reputado valor e enfrentemos com coragem as dificuldades que se nos antepuserem.

Feito isto, estamos certos de que a inteligente raça negra triunfará facilmente no terreno intelectual.

O negro como ninguém, necessita preparar-se. O Brasil é grande e o negro deve ser tão grande como o Brasil; e porque não, se foi o negro que o fez grande, sacrificando tudo, até a vida.

Dizer, finalmente, que no seio dos negros não existe o talento, é desfazer do meio em que vivemos, é desmerecer a memória dos nossos grande e inesquecíveis antepassados de lutas, cujo espírito de reconhecida capacidade ainda perdura na mente da corrente negra brasileira.

Sem tocar nos grandes vultos políticos de Luiz Gama, que é uma relíquia nacional; José do Patrocínio, um dos maiores senão o maior orador que o Brasil tem tido até agora honra e glória, portanto, da raça negra brasileira, salientamos, ainda hoje, para terminar o esboço deste quadro histórico, como um pleito de sincera homenagem, o nome em letras doiradas do inolvidável companheiro Benedito Otavio, o extraordinário poeta negro que, sem favor, é o expoente máximo das letras pátrias dos nossos dias. Resta, agora, a mocidade negra estudiosa, não se esmorecer. Estudar. O negro em tempo algum precisou tanto do livro, como agora. É chegado o tempo do negro agir, e para agir é necessário saber falar com segurança e fé, dentro da ordem e da Justiça.

Tomemos, portanto, os nossos antepassados como exemplos, sobressaindo o vulto inesquecível de um Benedito Otavio, a quem, mais uma vez, dizemos um saudoso adeus com vivas saudades.

Considerações finais

O processo de esgotamento do regime escravista no Brasil, culminado pela assinatura da Lei Áurea em 1888, marca para amplos contingentes de escravizados e seus descendentes um novo momento no processo de embate, sedimentação e acomodação econômica, política, social e cultural no cerne da sociedade brasileira. Processo, contudo, longe de ter sua gênese em 1888, mas que, todavia, ganhava nova dramaticidade, à medida que este se dera muito mais no âmbito simbólico do que empírico. Na prática, a elevação do *status* jurídico-social do negro – de escravo a “cidadão” –, revelou-se muito mais uma operação jurídico-discursiva do que um movimento efetivo de valorização e integração social desses indivíduos.

O corolário advento da República, por seu turno, corroborara para manter o negro em uma *subcidadania*, marginalizado político-socialmente e destituído dos valores estéticos, sociais e culturais constituintes de uma identidade nacional em construção no novo regime sob a batuta da modernidade. Neste rearranjo, ao negro caberia um papel por demais coadjuvante no concerto da *brasilidade*: responsável pela viabilização material da civilização européia nos trópicos orquestrada pelo colonizador europeu e constituinte subalterno no cadinho da tríade racial brasileira.

Se no plano imagético-discursivo essas questões permeiam práticas e projetos das camadas sociais dominantes durante o avançar dos primeiros decênios do século XX, no que toca aos pobres e, por conseguinte, aos negros – desqualificados e ocupantes das fímbrias da tessitura social – assiste-se a um perene, frenético e tenso embate pela sobrevivência econômica e cultural que atravessa seu cotidiano.

Esse quadro se potencializaria sobremaneira em São Paulo, à medida que o grande influxo de imigrantes europeus orquestrado pela política de branqueamento, concentrou e concatenou experiências, trajetórias e contradições múltiplas em um espaço pontuado pela diversidade social, étnica, política e cultural, a pontuar o cenário citadino.

Nesse contexto, a população negra paulistana tornara-se minoria dentro de seu próprio país. Depreciada por sua cor, preterida por seu passado, a comunidade negra sob o imperativo da concorrência e do alijamento social e econômica se reinventou e revelou uma outra dimensão da experiência social através da imprensa negra e suas associações.

No bojo da imprensa negra o jornal *A Voz da Raça* (1933-1937) se constituía em um proscênio privilegiado da manifestação e circulação da cultura letrada para além de seus círculos sociais mais imediatos. E, apesar da historiografia ter conferido grande ênfase à sua dimensão político-ideológica e suas ligações institucionais com a Frente Negra Brasileira, o jornal foi um local de trânsito de idéias, disputas, projetos e escritores que fizeram da palavra impressa armas de persuasão e significação de si e da realidade da qual faziam parte.

Bibliografia

- ANDREWS, G. R. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Trad. Magda Lopes, Bauru: Edusc, 1998,
- BARBOSA, W. N. *Cultura negra e dominação*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2002.
- BASTIDE, R. A imprensa negra no estado de São Paulo. In: _____. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BRITTO, I. M. *Samba na cidade de São Paulo (1900 – 1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- CARVALHO, J. M. de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 11.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3.^a ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. 2.^a ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CRUZ, H. de F. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana – 1890 – 1915*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- _____. *São Paulo em revista: Catalogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870-1930)*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.
- COHEN, I. S. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de (orgs). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CUNHA, O. M. G. da; GOMES, F. dos S.(orgs.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- DARNTON, R; ROCHE, D. (orgs.). *Revolução Impressa. A imprensa na França (1775 – 1800)*. São Paulo: Edusp, 1996.
- DUARTE, P. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo: ECA/USP, 1972.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DOMINGUES, P. J. *A nova Abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- _____. *A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira*. São Paulo: FFLCH/USP, 2005.

_____. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Senac, 2004.

FELIX, M. *As práticas político-pedagógicas da Frente Negra Brasileira na cidade de São Paulo (193 – 1937)*. São Paulo: PUC-SP, 2001.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

FERRARA, M. *A imprensa negra paulistana (1915-1963)*. São Paulo: Ed. FFLCH-USP, 1986.

FERREIRA, A. C. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870 – 1940)*. São Paulo: Unesp, 2002.

FERREIRA, M. N. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

GOMES, F. *Negro e política (1888 – 1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HOFBAUER, A. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

GUIMARÃES, H. S. *Os leitores de Machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Edusp, 2008.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* 3ª ed. São Paulo: Unesp, 2002.

LOPES, J. S. L. “Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro”. In: BATALHA, C. (et all). *Culturas de Classe*. Campinas: Unicamp, 2004.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo de. *Quem é que na negritude brasileira*. São Paulo; Brasília: Ministério da Justiça, Congresso Nacional Afro-Brasileiro: 1998.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

_____. “Movimento negro e etnicidade”. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, 19, Rio de Janeiro, 1990.

MALATIAN, T. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. 1.ª reimp. São Paulo: Edusp-Fapesp, 2008.

_____; LUCA, T. R. de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MELLO, M. P. de A. *O ressurgir das cinzas: negros paulistas no pós-abolição, identidade e alteridade na imprensa negra paulistana (1915 – 1923)*. São Paulo: FFLCH-USP, 1999.

MOURA, C. *O negro, de bom escravo a mau cidadão?* Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

OLIVEIRA, A. C. de. Quem é a “gente negra nacional”? Frente Negra Brasileira e a Voz da Raça (1933 – 1937). Campinas: IFCH-Unicamp, 2006.

OLIVEIRA, L. L. A Frente Negra Brasileira: Política e questão racial nos anos 1930. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (orgs.). *História da cidadania*. 4.^a ed. São Paulo: Contexto, 2006.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Irmandades Negras: outro espaço de luta e resistência (São Paulo: 1870 – 1890)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do imaginário. A reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café” 1890 – 1920*. São Paulo: Annablume/Fapesp: 2001

ROLNIK, Raquel. “Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)”. *Estudos Afro-Asiáticos*, 17, 1989.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano. São Paulo e pobreza (1890 – 1915)*. 2^a ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

SILVA, M. A. P. *A Voz da Raça: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco*. São Paulo: PUC, 2003.

SILVA, Z. L. da. *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo*. Londrina: Eduel; São Paulo: Unesp, 2008.

SHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870 – 1930)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SIRINELLI, J.F. “Os intelectuais”. In: REMOND, R. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

_____. RIOX, J. P. (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas. Escravos e forros em São Paulo (1850 – 1880)*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

Fontes**Jornal:**

A Voz da Raça, 1933 – 1937.

Memórias:

BARBOSA, Márcio (org). *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

BARROS, Miguel. Discurso do representante da Frente Negra Brasileira Pelotense. *Estudos Afro-Brasileiros*. 1988. Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro realizado em Recife, 1934. Edição Fac-símile. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1935.

LEITE, José Correia *E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. Organizado por Cuti. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

_____; MOREIRA, Renato Jardim. *Movimentos sociais no meio negro*. São Paulo, s/d. mimeo.

LUCRÉCIO, Francisco. Memória histórica: a Frente Negra Brasileira. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 83, n. 3, p. 332-342, 1989.
